

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

Mariliane Dos Santos Dalmolin

**DOMINADOR E DOMINADO: AS RELAÇÕES HIERÁRQUICAS EM S.
*BERNARDO***

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR
2021

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

Mariliane Dos Santos Dalmolin

**DOMINADOR E DOMINADO: AS RELAÇÕES HIERÁRQUICAS EM S.
*BERNARDO***

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná *Campus* Pato Branco como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II.

Linha de Pesquisa: Literatura brasileira
Orientador: Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima

PATO BRANCO – PR
2021

Máscara mortuária de Graciliano Ramos

*Feito só, sua máscara paterna,
Sua máscara tosca, de acre-doce
Feição, sua máscara austerizou-se
Numa preclara decisão eterna.*

*Feito só, feito pó, desencantou-se
Nele o íntimo arcanjo, a chama interna
Da paixão em que sempre se queimou
Seu duro corpo que ora longe inverte.*

*Feito pó, feito pólen, feito fibra
Feito pedra, feito o que é morto e vibra
Sua máscara enxuta de homem forte.*

*Isto revela em seu silêncio à escuta:
Numa severa afirmação da luta,
Uma impassível negação da morte.*

(Vinicius de Moraes)



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



**DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor(a): **MARILIANE DOS SANTOS DALMOLIN**

Título: **DOMINADOR E DOMINADO: AS RELAÇÕES HIERÁRQUICAS EM S. BERNARDO**

Trabalho de conclusão de curso defendido e **APROVADO** em 18/08/2021,
pela comissão julgadora:

Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima - UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Profa. Ma. Rosangela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Égide Guareschi – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

Obs: O aluno deverá encaminhar, no prazo de **5 (cinco) dias úteis** a contar da data da defesa, **exemplar definitivo do TCC**, para arquivamento, conforme as normas definidas pelo Regulamento do Curso e normativa da Biblioteca da UTFPR.

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a M.^a Rosangela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso

OBS.: A FOLHA DE ASSINATURA ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADA NA COORDENAÇÃO DO CURSO, COM AS DEVIDAS ASSINATURAS.

AGRADECIMENTOS

Uma das explicações encontradas para o significado da palavra agradecimento é “compensar de maneira equivalente; retribuir, recompensar”. Todavia, acredito que não há gestos ou palavras que possam expressar de forma adequada o tamanho da gratidão que tenho por todos os ensinamentos que recebi ao longo da minha graduação. Apesar disso, ainda assim me sinto na obrigação de ao menos tentar demonstrar a enorme gratidão que sinto por todos os professores que gentilmente me guiaram no decorrer destes anos. Portanto, o presente trabalho é dedicado a estes profissionais, que persistem apesar da imensa desvalorização da nossa classe, além de enfrentarem bravamente todas as dificuldades que a educação brasileira impõe àquele que escolhe para si a árdua tarefa de ser professor.

Desse modo, é essencial ressaltar que o presente trabalho, cuja capa carrega meu nome, não é apenas meu, pois nele também se encontram transcritos um pouco de todos os ensinamentos que absorvi durante minha formação. Tais lições são extremamente importantes, pois não me propiciam apenas concluir este trabalho, mas também me constituem enquanto o ser humano que sou hoje.

Assim sendo, gostaria de deixar registrado meu imenso carinho e meus mais sinceros agradecimentos aos professores do curso de Letras da UTFPR, que me inspiram diariamente a não desistir. Obrigada! Vocês sempre estarão guardados em um cantinho especial do meu coração. Em especial, é indispensável transcrever a imensa gratidão que tenho para com o meu orientador, professor Marcos Hidemi, que sempre me ajudou e me aconselhou com as mais gentis palavras. Obrigada, professor! Você é um exemplo de profissional, mas acima de tudo de ser humano.

DALMOLIN, Mariliane Dos Santos. **Dominador e dominado: as relações hierárquicas em S. Bernardo**. 2021. 52 f. Trabalho de conclusão de curso – Literatura em Letras – Português/Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco. 2021.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a expor brevemente a relação entre as obras e a vida do escritor brasileiro Graciliano Ramos, bem como apresentar um panorama crítico acerca de *S. Bernardo* (1934), romance escolhido para ser foco desta pesquisa. Para além disso, esta pesquisa tem como propósito principal analisar a relação entre as personagens Paulo Honório, protagonista da narrativa em questão, e os funcionários Rosa e Marciano. Tal vínculo se dá, sobretudo, com base no sentimento de posse que o personagem principal do livro tem sobre aquilo que ele acredita lhe pertencer, e nisso incluem-se os próprios empregados de sua fazenda. Além disso, este estudo busca demonstrar a verossimilhança existente entre estas personagens de Graciliano Ramos e os laivos senhoriais que, por muitos anos, marcaram a sociedade brasileira. Para demonstrar a situação acima exposta, esta análise tomará como ponto de partida as ideias centrais apontadas por Candido (2006), Lima (2017), Reis (1987), Souza (2017), bem como outros teóricos fundamentais para o entendimento das relações de poder em uma sociedade que mantém resquícios patriarcais. Em suma, a partir das leituras e análises empreendidas em *S. Bernardo*, houve a constatação de que o vínculo entre patrão e empregado se confunde com práticas escravocratas, estabelecendo, na realidade, uma relação entre dominador e dominado, na qual quem detém o poder subjuga o outro.

Palavras-chave: graciliano ramos, s. bernardo, relações de poder, dominador, dominado.

DALMOLIN, Mariliane Dos Santos. **Dominador e dominado: as relações hierárquicas em S. Bernardo**. 2021. 52 f. Trabalho de conclusão de curso – Literatura em Letras – Português/Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco. 2021.

ABSTRACT

The following research has as its aim to expose the relationship between the books and the life of Brazilian writer Graciliano Ramos, as well as a critical panorama about *São Bernardo* (1934), a novel chosen to be the focus of this research. In addition, this research has its main purpose to analyze the relation between the main character of the narrative in question, Paulo Honório, and his employees, Rosa and Marciano. Such relation happens mainly by the possession feeling which the main character of the novel has about what he believes he has the possession, including his own employees from his farm. Besides that, this research aims to demonstrate the likelihood among these characters from Graciliano Ramos' novel and stately trace which had marked the Brazilian society for years. To demonstrate this mentioned situation above, this analysis is going to originate from the main ideas pointed out by Candido (2006), Lima (2017), Reis (1987), Souza (2017), as well as other essential theorists for understanding the power relation in a society in which maintain patriarchal trace. Thus, by readings and analyses in *São Bernardo*, there was the conclusion that the relation between boss and employee is confused with slaving practice, establishing after all, a relation between domineering and subdued and which who possesses the power control the other one.

Keywords: graciliano ramos, são bernardo, power relation, domineering, subdued.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 O VIVER, O SENTIR E O ESCREVER: A RELAÇÃO INTERDEPENDENTE DAS OBRAS E DA VIDA DE GRACILIANO RAMOS	13
1.1 MEMORIALISMO E ESCRITA: GRACILIANO RAMOS COMO HOMEM E LITERATO	13
1.2 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A ANIMALIZAÇÃO DO HOMEM	19
2 O SOCIAL E A LITERATURA: AS RELAÇÕES DE PODER EM S. BERNARDO	25
2.1 PAINEL CRÍTICO SOBRE S. BERNARDO.....	25
2.2 A DOMINAÇÃO MASCULINA E A SOCIEDADE PATRIARCAL.....	29
2.3 SUJEITOS DESVALIDOS OU ESCRAVOS MODERNOS?.....	33
3 HIERARQUIA E SUJEIÇÃO EM S. BERNARDO.....	36
3.1 OS EMPREGADOS DE PAULO HONÓRIO	36
3.2 ROSA: A VOZ SILENCIADA E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA.....	38
3.3 MARCIANO: O HOMEM TRAVESTIDO DE BICHO	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

S. Bernardo (1934) narra a trajetória de Paulo Honório, que migra das mais baixas camadas socioeconômicas para uma situação de proprietário da fazenda que dá nome ao romance, seu casamento com Madalena e o emprego de abuso de poder no trato com seus funcionários. A narrativa transcorre entre os anos de 1925 a 1930, e este momento compreende um período em que a sociedade brasileira estava passando por um processo de transformação, saindo de um cenário predominantemente agrícola, no qual os grandes coronéis detinham todo o poder, para uma crescente industrialização nos centros urbanos. Apesar disso, o que se observa, ao longo do romance de Graciliano Ramos, é que inúmeras práticas escravocratas, patriarcais e paternalistas ainda permaneciam comuns num meio que, na narrativa, oscila entre a ambientação rural e o espaço urbano. Dentro desta linha de raciocínio, Paulo Honório, simboliza no romance um típico representante desta parcela atrasada da sociedade, que ainda vive e se relaciona com os demais baseando-se em modelos ancestrais.

Tomando como ponto de partida tal perspectiva, o foco do presente trabalho baseia-se no vínculo que se estabelece entre patrão e empregado no decorrer de *S. Bernardo*, bem como as relações de poder que surgem a partir disso. Nesse sentido, Jessé Souza (2017, p. 13) destaca que “A questão do poder é a questão central de toda sociedade. A razão é simples. É ela que irá nos dizer quem manda e quem obedece, quem fica com os privilégios e quem é abandonado e excluído.” Sendo assim, pode-se afirmar que o tópico principal do romance de Graciliano é o poder.

Ao se definir que a tônica de *S. Bernardo* se focaliza no exercício do poder, torna-se fecundo efetuar um diálogo com o pensamento de Souza (2017). Este descreve a evolução da sociedade brasileira conjugada à manutenção de valores arcaicos que a caracterizam, sobretudo a maneira patriarcalista como Paulo Honório conduz suas relações com as demais personagens abusando de sua posição privilegiada. Nesse viés patriarcal, tal poderio concede ao narrador-personagem o direito de tratar as pessoas ao seu redor de modo autoritário e abusivo, repondo em cena práticas que remetem aos laivos escravocratas que, mesmo com a Abolição, persistem na relação entre os que detêm o poder e os que submetem aos poderosos.

Considerando os aspectos observados acima, evidencia-se que o romance se desenvolve a partir daquilo que Roberto Schwarz (2000, p. 198) aponta como uma

literatura “[...] voltada sobretudo para as relações de verossimilhança entre a forma literária e o processo social [...]”. Ou seja, é por meio de suas personagens, que Graciliano retrata, em *S. Bernardo*, as relações de abuso de poder que marcavam a sociedade brasileira do primeiro quartel do século XX. Paulo Honório, o protagonista do romance, faz uso da violência física e psicológica para obrigar seus empregados a fazer aquilo que lhe convém. Isso acontece, sobretudo, porque o fazendeiro representa no livro o detentor do poder. Em outras palavras, a autoridade. Logo, seus funcionários são obrigados a obedecer às regras que o coronel estabelece, do contrário tornam-se passíveis de punições, chegando, em alguns casos, até mesmo a castigos físicos.

Tais abusos de poder levam Alfredo Bosi (2017, p. 430) a definir *S. Bernardo* como “[...] romance do desencontro fatal entre o universo do ter e o universo do ser [...]”. Isto é, Paulo Honório, figurando como dono da fazenda (“ter”), deveria, em hipótese, apenas administrar e distribuir os encargos de seus empregados, todavia, não é isso o que acontece. O coronel submete seus funcionários a humilhações e violências, configurando-se como ações perpetradas por ele que causam danos físicos e psicológicos a seus trabalhadores (“ser”). Como se constata no desfecho da narrativa, a exorbitância como o fazendeiro exercita o poder acaba resultando num atentado contra si mesmo, tornando-o uma personagem angustiada, levando-o a tentar fazer uma mea-culpa por meio da escrita do livro. Segundo Antonio Candido (2006), o fazendeiro, visto aqui como representação da figura do patriarca, possui um forte sentimento de posse e nisso se inclui tudo e todos a sua volta. Ou seja, o protagonista julga que seus empregados são, assim como as terras de São Bernardo, suas propriedades, e por esse motivo pode assediá-los e castigá-los, tal como faz principalmente com Marciano e Rosa. Nesse cenário, Marcos Hidemi de Lima (2017, p. 110) aponta que o narrador-personagem:

[...] transforma-se em patriarca, porque a posse da fazenda insere-o no plano da representatividade social e econômica, logo reconhecido como senhor com poderes absolutos para, do alto da “casa-grande”, distribuir o que ele julga ser a justiça, o amor e o desvelo aos trabalhadores de sua terra.

Em outras palavras, as atitudes tiranas de Paulo Honório são incontestáveis, uma vez que a figura do patriarca está relacionada ao exercício do poder e da sua vontade, que não deve nem pode ser contrariada. Dessa forma, a partir de sua posição

social, o coronel se torna soberano, fazendo o que quer com quem vive sob seus domínios.

Assim sendo, o presente trabalho buscará estudar o romance *S. Bernardo*, principalmente, sob a perspectiva de que a narrativa de Graciliano é, de certa forma, um retrato da sociedade brasileira da década de 1930. Para comprovar tais ideias, este estudo será dividido em três capítulos, os quais tratarão, respectivamente, sobre Graciliano Ramos, autor do livro estudado, *S. Bernardo*, romance escolhido para ser objeto de pesquisa, e, por fim será exposto uma breve análise das temáticas indicadas anteriormente.

Em face disso, a primeira parte buscará demonstrar a relação existente entre as obras e a vida do escritor alagoano, as problemáticas sociais presentes em seus romances, além de salientar os elementos que indicam a presença da verossimilhança nas obras graciliânicas. Deste modo, serão utilizados textos teóricos, principalmente de críticos literários, para reforçar as ideias que serão expostas no primeiro capítulo, sobretudo *Graciliano Ramos*, obra organizada por José Garbuglio, Bosi e Valentim Facioli (1987), bem como a *Graciliano Ramos*, organização de Sônia Brayner (1978), os quais contém inúmeros escritos que dialogam com as temáticas apontadas acima.

Na sequência, a segunda parte deste trabalho irá oferecer um panorama geral sobre o romance *S. Bernardo*, mas principalmente sobre os elementos que podem ser relevantes para a análise que será empreendida no capítulo posterior. Assim sendo, serão utilizadas algumas ideias de críticos literários para evidenciar as problemáticas que interessam neste estudo, as quais também dizem respeito sobre as relações de poder, o vínculo patrão/empregado e, sobretudo, dominador e dominado. Ainda neste viés, para melhor compreender tais problemáticas, serão expostos alguns conceitos relacionais à dominação masculina, à sociedade patriarcal e à forma como os mais desvalidos são vistos pela sociedade. Em suma, tais assuntos são fundamentais para o entendimento do que será exposto na terceira parte deste estudo, portanto as ideias trazidas por Bosi (2017), Candido (1974, 2006), João Luiz Lafetá (1975), Souza (2017), Lima (2017) e Roberto Reis (1987) são necessárias para se compreender as temáticas aqui estudadas.

O terceiro capítulo é destinado a analisar especificamente as relações de poder encontradas em *S. Bernardo*, sobretudo no que diz respeito ao vínculo entre patrão e empregado, que mais se assemelha ao de senhor e escravo. Desse modo, será tratado também sobre os elementos que denotam a presença da verossimilhança no

texto ficcional graciliânico, os quais serão abordados por meio de estudiosos literários que tratam das obras do escritor alagoano, tais como Reis (1987), Candido (2006), Lafeté (1975) e Lima (2017). Além disso, a última parte deste trabalho irá destacar os costumes patriarcais que se perpetuam na sociedade brasileira da década de 1930, a qual é muito bem retratada no romance protagonizado por Paulo Honório. Ademais, há de se ressaltar também as frequentes violências que acometem os empregados do personagem principal da narrativa em questão, os quais são constantemente humilhados e animalizados pelo patrão. Em vista disso, as considerações sociológicas de Gilberto Freyre (2005) e Souza (2017) são muito importantes para o desenrolar da análise que será feita.

Diante disso, pode-se ressaltar que o presente trabalho se faz a partir da pesquisa bibliográfica de teorias literárias e sociológicas, as quais dialogam precisamente com o romance de Graciliano, que mistura ficção e realidade para compor *S. Bernardo*. Desse modo, o tema escolhido para constar como objeto de pesquisa se mostra de extrema relevância, pois as relações de poder entre dominadores e dominados não podem ser encontradas apenas na literatura, mas também nas vivências diárias de inúmeros brasileiros da década de 1930, período em que se passa a narrativa graciliânica, bem como nos dias atuais.

Portanto, estudar os livros do literato alagoano é também se debruçar sobre problemas sociais que se perpetuam na sociedade brasileira. Além de vislumbrar nas entrelinhas de seus romances, um pouco do que foi o homem Graciliano, um dos mais importantes nomes da literatura nacional, cujas obras possuem um valor inestimável para quem busca, por meio da arte, compreender a relação existente entre a literatura e a sociedade.

Em face disso, é possível concluir que Graciliano utilizou suas personagens para retratar e criticar problemáticas recorrentes no meio social brasileiro. Assim sendo, *S. Bernardo*, tal como outros textos do escritor nordestino, demonstra uma enorme proximidade entre a literatura e as vivências encontradas fora das páginas dos livros. Portanto, as temáticas tratadas no presente trabalho são de suma importância, já que os abusos de poder cometidos por Paulo Honório retratam uma forma corriqueira de se tratar aqueles que são oriundos de condições socioeconômicas menos favorecidas. Desta maneira, assim como ocorre na narrativa do escritor alagoano, no mundo não ficcional os menos privilegiados sempre estarão

sujeitados àqueles que detêm o poder. Desse modo, o trabalho a seguir irá abordar tais temáticas, de modo a comprovar o que foi exposto na presente introdução.

1 O VIVER, O SENTIR E O ESCREVER: A RELAÇÃO INTERDEPENDENTE DAS OBRAS E DA VIDA DE GRACILIANO RAMOS

Neste capítulo serão abordadas questões relativas ao escritor brasileiro, Graciliano Ramos, principalmente a relação existente entre a vida pessoal do autor e seus textos ficcionais, além de destacar a presença de retratos e problemas sociais que podem ser encontrados nos livros do literato alagoano. Assim sendo, para demonstrar tais ideias será utilizado *Graciliano Ramos*, de Garbuglio, Bosi e Facioli (1987), no qual há inúmeros textos que comprovam a relação interdependente entre a vida e a obra do escritor nordestino. Ademais, somado ao livro mencionado acima, a obra *Graciliano Ramos* (1978), dirigida por Afrânio Coutinho e organizada por Sônia Brayner, que conta com diversos outros escritos de teóricos e estudiosos literários, é utilizada para apontar as verossimilhanças presentes nas narrativas graciliânicas e também discutir outras temáticas que serão tratadas no presente capítulo.

1.1 MEMORIALISMO E ESCRITA: GRACILIANO RAMOS COMO HOMEM E LITERATO

O escritor alagoano, Graciliano Ramos é, sem dúvida alguma, um dos mais importantes nomes da literatura brasileira. Assim sendo, é possível encontrar uma vasta biografia a seu respeito, a qual irá abarcar fatos desde a infância do autor de *Vida Secas* (1938), passando pelos inúmeros cargos públicos e políticos que marcam a trajetória do antigo prefeito de Palmeira dos Índios, bem como se pode deparar-se com cartas que propiciam ao leitor uma visão ampla do literato como pai, marido e amigo. Todavia, é a grande relevância de seus textos, assim como o processo de escrita destas obras, que ganham destaque quando o estudioso de Graciliano se depara com as múltiplas memórias e recordações registradas acerca da vida do ilustre nordestino.

Deste modo, é indiscutível a relevância dos textos de Graciliano, afinal de contas o autor de *Angústia* (1936) é um dos escritores brasileiros mais reconhecidos em território nacional e também fora do país. Tal afirmativa pode ser averiguada quando se observa as inúmeras traduções que foram feitas de seus romances para diversos países, bem como as numerosas edições de seus textos que foram lançados ao longo destes 88 anos desde que *Caetés* (1933), romance de estreia do escritor

alagoano, foi publicado pela primeira vez. Em face do que foi apresentado acima, fica evidente que há uma infinidade de informações que poderiam ser expostas sobre a importância das obras e dos relatos de vida de Graciliano. Entretanto, o foco do presente capítulo é destinado a apresentar um breve panorama acerca de alguns elementos que constituem os livros do literato estudado neste trabalho, os quais são fundamentais para o entendimento do que será exposto nos capítulos posteriores.

Assim sendo, antes mesmo de abordar as demais temáticas, é fundamental tratar sobre o que inspirava Graciliano Ramos a escrever seus textos. Neste sentido, Ricardo Ramos, filho do escritor nordestino, narra por meio de um dos volumes da coleção de escritores brasileiros editada por Garbuglio, Bosi e Facioli, um diálogo entre ele e o pai que ilustra muito bem aquilo que fazia com que o autor de *S. Bernardo* (1934) compusesse suas obras:

Muitos anos atrás (48? 50?), íamos meu pai e eu, após o almoço, a caminho do trabalho. Era no Rio, estava um dia lindo. Fiz uma observação qualquer nesse sentido, que maravilha de cidade, e ele estranhou: “Você acha mesmo?” Respondi que sim, foi a vez do meu espanto, quem não acha? Ele calou-se, eu brincando o provoquei: “Então você prefere a caatinga a isto aqui?” Ele indiferente olhou o recorte dos morros e disse: “Prefiro, é mais bonita”. Calou-se um instante, para a seguir completar: “Eu sinto assim”. Hoje, ao lembrar-me, associo aquela resposta ao fato de Graciliano ter deixado o romance antes dos 50 anos. A partir dali, ou de um *Vidas Secas* escrito nos primeiros tempos do Rio, ele foi principalmente memorialista. É certo que tentou um romance, em muito ambientado na antiga livraria José Olympio, voltado para a vida literária carioca. Mas o projeto se interrompeu logo nos capítulos iniciais. A quem perguntava que fim tinha levado o livro, mais de uma vez o ouvi explicar-se: “Eu não sentia aquilo”. (RAMOS, 1987, p. 12)

Diante da conversa descrita acima, duas afirmações se destacam, uma delas, e talvez a mais importante, é dita pelo próprio Graciliano, e a segunda por seu filho, Ricardo Ramos. A primeira asserção corresponde a preferência do escritor alagoano para com aquilo que ele acredita constitui-lo como homem nordestino, a memória afetiva fica em evidência, e o sentir mencionado acima denota a sensação de pertencimento e autorreconhecimento do homem para com o meio. Neste viés, é notório que o literato brasileiro deixa em destaque sua predileção pela caatinga, paisagem que lhe é conhecida, pela qual foi rodeado desde que nasceu e a qual conhecia tão bem. Deste modo, é compreensível que tal perspectiva se encontre presente nas obras do autor de *Vidas Secas*, uma vez que aquilo que Graciliano escreve nada mais é do que uma extensão do ser humano que ele foi enquanto viveu, bem como daquilo que o rodeava e fazia parte de sua existência.

Tal ideia pode ser averiguada nas palavras do próprio Graciliano quando afirma que “Só conseguimos deitar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida. Arte é sangue, é carne. Além disso não há nada. As nossas personagens são pedaços de nós mesmos, só podemos expor o que somos.” (FACIOLI, 1987, p. 83). Em face do que foi apresentado, bem como daquilo que o filho do escritor alagoano, Ricardo Ramos, evidencia nas escritas do pai como uma forma memorialista de narrar as suas obras, é possível salientar que a literatura produzida pelo autor de *S. Bernardo* é, sobretudo, composta de elementos que misturam a realidade vivenciada pelo romancista nordestino ao longo dos seus 60 anos de existência, assim como ambientam-se em locais familiares, que demonstram por meio de palavras os sentimentos do homem que observava a realidade que transcorria em seu entorno.

Assim sendo, fica evidente que os textos graciliânicos possuem inúmeras características que possibilitam ao leitor uma extensa análise dos elementos que dialogam com o mundo real, tanto da época em que viveu o escritor alagoano, quanto dos dias de hoje, em que muitas práticas narradas nos romances do autor nordestino são ainda utilizadas. Desta forma, é possível afirmar que facilmente a verossimilhança é encontrada nos romances de Graciliano, seja em seu livro de estreia, *Caetés*, no qual a história narrada é ambientada em Palmeira dos Índios, cidade na qual Graciliano morou por vários anos e chegou até mesmo a ser prefeito, e sobretudo em *Memórias do Cárcere* (1953), livro publicado após a morte do literato brasileiro e que expõe por meio da ficção as atrocidades vivenciadas ao longo do período em que o romancista ficou preso a mando do regime ditatorial do Estado Novo.

Neste viés, pode-se observar que a relação que se estabelece entre os escritos de Graciliano Ramos e sua vida pessoal está claramente interligada. Desta maneira, ao olhar atentamente os romances do escritor nordestino, é possível traçar uma linha temporal e espacial na qual as narrativas que compõe as suas obras percorrem o mesmo caminho que o literato fez no decorrer de sua vida. Sob esta perspectiva, Facioli (1987) aponta que:

[...] a obra de Graciliano em conjunto, indissociável dos acontecimentos de sua vida e época, das opções técnicas e temáticas que fez, das tensões particulares e gerais que enfrentou e a que deu forma literária, pode-se perceber que há nela (obra) um movimento cuja direção, embora não linear, vai do regional ao nacional, simétrico ao movimento espacial que deslocou o escritor de Palmeira dos Índios para Maceió e depois para o Rio de Janeiro. Operou-se um *alargamento* do percurso literário e político correspondente ao da vida pessoal. (1987, p. 98, grifos do autor)

Diante disso, a possibilidade de notar-se este movimento espacial nos textos de Graciliano, tal como menciona Facioli, permite ao leitor obter a constatação da ideia de que os livros do literato nordestino são interligados às suas vivências pessoais. Nesta mesma perspectiva, além dos escritos mencionados anteriormente, é notório que *Infância* (1945), livro de memórias publicado pelo escritor alagoano, seja um dos trabalhos que mais transparecem a relação entre sua vida e obra, pois a história narrada condiz com os primeiros anos do pequeno Graciliano Ramos, mas, sobretudo, trata de temas que são marcantes na literatura deste homem que descrevia de modo tão preciso as relações de poder e os problemas sociais que o rodeavam.

Sob este viés, ao discutir a autobiografia do autor de *Vidas Secas*, Wilson Martins (1978) salienta que “[...] não sabemos onde terminam as memórias e onde começa o romance em *Infância*. Literariamente, é um livro onde o poder expressional do autor, a segurança com que maneja a língua, atinge o seu ponto culminante.” (p. 1978, 43). Em face desta ideia, além de reafirmar aquilo que foi exposto anteriormente, é importante destacar outra informação que se sobressai na citação acima. Trata-se do modo como Graciliano trabalhava com a linguagem em suas obras. Assim sendo, tal como evidencia Martins, a maneira como o literato nordestino se expressa denota um enorme conhecimento da língua. Afinal de contas, o escritor não se limita ao vasto conhecimento das palavras do idioma português somado a outras originárias da região de onde o romancista proviera. Seu estilo de escrita destoa do desleixo característico de um bom número de escritores de sua geração, pois Graciliano escreve com o esmero e a sobriedade dos clássicos da língua.

Diante desta perspectiva, se faz necessário ressaltar a consciência que Graciliano possuía em relação a linguagem que utilizava. Tal ideia pode ser averiguada em uma das cartas que o autor alagoano enviou à esposa, Heloísa, em 1932, na qual fala sobre o término da escrita de um de seus romances mais consagrados:

O *S. Bernardo* está pronto, mas foi escrito quase todo em português, como você viu. Agora está sendo traduzido para brasileiro, um brasileiro encrocado, muito diferente desse que aparece nos livros da gente da cidade, um brasileiro de matuto, com uma quantidade enorme de expressões inéditas, belezas que eu mesmo nem suspeitava que existissem. (RAMOS, p. 235)

No trecho acima, fica evidente que Graciliano não se restringia a utilizar em seus textos somente aquilo que é considerado parte da norma culta. Pelo contrário, o escritor alagoano fazia uso da linguagem e de expressões que são popularmente empregadas. Deste modo, é possível notar por parte do autor de *S. Bernardo* uma enorme valorização da linguagem regionalista, mas, para além disso, o literato faz uso daquilo que lhe é conhecido, que o constitui como homem nascido e criado no Nordeste. Assim sendo, tal elemento reafirma a ideia de que as obras literárias de Graciliano em muito dialogam com a realidade que o cercou ao longo dos seus 60 anos de vida.

Ainda neste viés, é importante destacar também a presença da linguagem oral nos textos graciliânicos, a qual pode ser facilmente observada em *S. Bernardo*, romance no qual o narrador protagonista, Paulo Honório, é um senhor de terras que chegou a sua posição privilegiada após tirar proveito do antigo proprietário da fazenda que dá nome ao livro. O personagem em questão é oriundo das classes menos favorecidas da sociedade, portanto não teve acesso à educação, logo, a narrativa, que é escrita por ele mesmo, é composta por falas e diálogos que demonstram esta linguagem oral e regionalista. Um exemplo disso pode ser encontrado no trecho a seguir, no qual o fazendeiro manifesta o seu desagrado perante os primeiros capítulos do livro que pretendia publicar, mas que a princípio seria escrito por seu amigo, Azevedo Gondim:

– Vá para o inferno, Gondim. Você acanalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma.

Azevedo Gondim apagou o sorriso, engoliu em seco, apanhou os cacões da sua pequena vaidade e replicou amuado que um artista não pode escrever como fala.

– Não pode? perguntei com assombro. E por quê?

Azevedo Gondim respondeu que não pode porque não pode.

– Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia. (RAMOS, 2017, p. 9)

Na citação acima, é notório o uso da linguagem oral, sobretudo nos dizeres de Paulo Honório, que escreveu seu livro conforme ele mesmo falava. Neste sentido, é possível concluir que as frases ditas pelo coronel poderiam facilmente ser também proferidas por tantos outros senhores de terras que possuísem a mesma origem humilde que o protagonista de *S. Bernardo*, uma vez que as personagens de Graciliano costumam ser retratos fieis de figuras comumente conhecidas na

sociedade. Ademais, é importante destacar outro elemento que chama atenção no trecho anterior. Trata-se do fato do fazendeiro querer que o seu texto fosse escrito do mesmo modo com que se fala e, em contrapartida, Gondim afirma que ninguém leria um romance cuja linguagem não se adequasse à norma culta. A passagem põe em evidência certa crítica, ou até mesmo provocação, por parte do literato nordestino para com os textos que seguem um determinado padrão linguístico, o que demonstra a excepcional visão literária que Graciliano possuía.

Sob esta perspectiva, há diversos elementos a serem destacados, todavia o que realmente interessa ao presente capítulo é a temática da oralidade presente no trecho mencionado acima, além da evidente oposição existente entre Azevedo Gondim, representante de um tipo de escrita elaborada, que segue regras gramaticas, e Paulo Honório, que possui uma mentalidade contrária em relação ao assunto. Deste modo, é possível identificar em *S. Bernardo*, assim como nos outros romances de Graciliano, um retrato social daquilo que o rodeava, tal ideia também é perceptível por meio da linguagem de suas personagens. Nesse sentido, Álvaro Lins (1943), ao discorrer sobre a superposição de planos nos textos graciliânicos, expõe que:

[...] o plano regional [...] se revela nos seus personagens marcados pelo meio físico e social, na forma dos diálogos, todos muito fiéis à língua falada, nos ambientes onde se desenvolvem as figuras e os enredos dos seus livros; o plano universal que se alarga nos dramas dos seus romances, nos sentimentos complexos, dos seus personagens, na linguagem muito rigorosa e pura [...]. (p. 262)

Nesse sentido, torna-se possível afirmar que a linguagem utilizada por Graciliano em seus romances, bem como as temáticas abordadas em seus textos, as quais oferecem ao leitor um panorama social muito fiel ao que o escritor percebia ao seu redor, colocam novamente em evidência a questão abordada anteriormente. Em outras palavras, os escritos do romancista alagoano contêm muito daquilo que o literato vivenciou e observou em sua volta, nisso inclui-se a linguagem, as relações de poder, os problemas sociais, as descrições de cenários comuns, a caatinga e tantas outras características que marcam as obras do autor de *Vidas Secas*. Por conseguinte, o conjunto destes elementos dão forma à literatura que Graciliano produziu de forma tão precisa.

Neste sentido, Garbuglio (1987) afirma que “Graciliano mostra que era preciso descer da estratosfera, ver e viver aquele mundo, estudar sua prática, verificar-lhe as peculiaridades e integrar-se nele para poder compreendê-lo, antes de tentar

incorpora-lo na obra de arte.” (p. 374). Diante disso, fica evidente que o romancista nordestino, ao retratar em suas obras as problemáticas que podiam ser claramente observadas em sua época, não apenas as olhava de fora, mas também se inseria naquele contexto.

Levando em conta as considerações acima, pode-se concluir que ler Graciliano é sinônimo de adentrar sua vida pessoal. Afinal de contas, é por meio daquilo que pode ser observado nas entrelinhas, da subjetividade, das metáforas, da linguagem regionalista, e de tantos outros elementos que se tornaram únicos nos textos do autor de *Angústia*, que se faz possível vislumbrar um pouco do próprio Graciliano. Desta maneira, sua vida e obra são inseparáveis, já que para viver o alagoano precisou colocar no papel aquilo que via e sentia e, para escrever, precisou existir e resistir em um país cujas problemas sociais sempre foram gritantes.

1.2 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A ANIMALIZAÇÃO DO HOMEM

Além das considerações apresentadas acima, é importante abordar de forma específica um dos assuntos mais recorrentes nos romances de Graciliano, o qual será também foco de análise no último capítulo do presente trabalho. Tomando por base o que foi discutido anteriormente, faz-se necessário tratar da presença constante de problemas sociais, bem como do modo como o homem é caracterizado nas obras do escritor alagoano.

Nesta perspectiva adotada pelo escritor, assim como já foi apontado antes, é correto afirmar que os textos graciliânicos carregam em si uma visão muito precisa do cenário social que marcou o Brasil na década de 1930. Deste modo, inúmeros problemas sociais podem ser encontrados em seus textos, assim como um retrato preciso do homem que viveu nesta época de transições. Nelly Novaes Coelho (1964), ao abordar tal temática, aponta que:

Através de suas personagens, Graciliano nos vai oferecendo aquele complexo mundo posto em voga pelo Modernismo, isto é, o mundo debruçado nas surpreendentes galerias do espírito humano. Mostrar a realidade filtrada pelas fendas dessas galerias é o que vem sendo a desesperada tentativa de ficção universal, da arte contemporânea. A esta já não interessa o homem inteiro, uno, visto em bloco de fora para dentro, como o que nos ofereceu o naturalismo, mas sim o homem fragmentado, complexo, feixe de múltiplas reações e impulsos contraditórios que brotam da misteriosa fonte vital, cuja profundidade e segredos ele tenta sofregamente tocar. (p. 60-61)

Em face da afirmação acima, outra ideia pode ser destacada. Esta diz respeito ao fato de que Graciliano retrata suas personagens sob a ótica do individualismo, mas para além disso, o homem é apresentado em constante conflito consigo mesmo e com aquilo que está a sua volta. Nesse sentido, a visão social presente nos romances do escritor brasileiro é feita por meio destas pessoas, que são apenas mais uma engrenagem do sistema em que vivem. É em tal lógica que se encontram Paulo Honório, personagem principal de *S. Bernardo*, Luís da Silva, narrador protagonista de *Angústia*, e também Fabiano, herói nordestino do mais famoso livro de Graciliano, *Vidas Secas*.

As personagens mencionadas, apesar de possuírem posições sociais distintas, apresentam algo em comum: todos são animalizados pelo escritor. Em outras palavras, as personagens graciliânicas perdem uma parcela de sua humanidade enquanto ganham características animais, que, de certo modo, condizem com as atitudes que estes indivíduos têm no decorrer das narrativas. Tal zoomorfização somada aos conflitos vividos pelos sujeitos dão as obras de Graciliano a precisão exata do momento em que a sociedade da época se encontrava, dividida entre os valores obsoletos e oligárquicos que constituíam uma tradição bem nossa e, ao mesmo tempo, iniciando o processo de industrialização que marcou a década de 1930.

Esta desordem social é facilmente encontrada nos anseios e vivências das personagens de Graciliano, que se acham perdidas no meio em que vivem. Além disso, em meio ao caos em que estes sujeitos existem, é possível identificar nos três heróis mencionados acima algumas relações de poder que fazem parte de suas realidades, as quais podem ser notadas até os dias atuais, como é o caso das inúmeras humilhações sofridas por Fabiano, em *Vidas Secas*, e os maus tratos incutidos por Paulo Honório para com aqueles que o fazendeiro julga inferiores, em *S. Bernardo*.

Desta maneira, é possível afirmar que as personagens de Graciliano vão além das páginas dos romances do autor nordestino, isto é, estes indivíduos são retratos fiéis de sujeitos que são encontrados diariamente na sociedade. Assim sendo, Hélio Pólvora (1972), ao tratar sobre as narrativas graciliânicas, destaca que o protagonista de *Angústia*:

[...] não é um homem anônimo dentro da multidão. É uma multidão dentro de um só corpo. E, a exemplo de Paulo Honório no romance anterior, é um personagem-símbolo. A violência com que se destrata reflete a condenação de vastas camadas sociais. Embora sendo um pobre-diabo entre tantos outros, Luís da Silva tende a exagerar defeitos próprios, agravar sentenças. Julga-se “um percevejo social”. Compara-se a um “níquel social”. Sente-se igual a um rato esquivo. (p.130)

À vista disso, Pólvora, ao afirmar que Luís da Silva carrega em si uma multidão, está atestando que a personagem representa não somente a si própria, mas sim diversos outros indivíduos que também se encontram nas mesmas condições que o herói graciliânico. Nesse sentido, novamente se pode averiguar nos textos do autor de *Angústia* uma enorme verossimilhança, já que as narrativas condizem com situações vivenciadas pelo brasileiro na década de 1930, muitas das quais ainda se estendem até a atualidade. Sob este viés, também se enquadra a conjuntura exposta acima, na qual o homem é visto pela ótica animalesca. Em outras palavras, o protagonista do romance psicológico de Graciliano Ramos se equipara a um bicho, visto que sua condição social não permitia que ele fosse nada além disso para o meio em que existia. Tal ideia pode ser averiguada na seguinte passagem, na qual Luís, ao tentar escrever, acaba refletindo sobre seus próprios problemas:

Penso em indivíduos e objetos que não têm relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, políticos, sujeitos remediados que me desprezam porque sou um pobre-diabo. Tipo bestas. Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes. Quando avisto essa cambada, encolho-me, colo-me às paredes, como um rato assustado. Como um rato, exatamente. [...]. Não posso pagar o aluguel da casa. Dr. Gouveia aperta-me com bilhetes de cobrança. Bilhetes inúteis, mas dr. Gouveia não compreende isto. Há também o homem da luz, o Moisés das prestações, uma promissória de quinhentos mil-réis, já reformada. E coisas piores, muito piores. (RAMOS, 2003, p. 6)

Na citação acima, fica evidente a forma como o protagonista de *Angústia* se difere dos demais indivíduos, os quais são referenciados por meio de seus nomes – Gouveia e Moisés –, ou ainda por suas profissões – políticos, secretário, diretor, entre outros –, mas sobretudo, estes outros sujeitos são considerados homens, enquanto a Luís cabe a caracterização de rato.

Ainda nesta perspectiva, é possível notar tal desumanização do homem em outras obras de Graciliano. Tal modo animalesco de descrever o sujeito é uma das mais marcantes características das narrativas do escritor nordestino, que busca apresentar as desigualdades sociais e tantos outros problemas que acometem os menos favorecidos por meio desta relação recorrente. Em virtude disso, nenhum de

seus quatro romances explora de modo tão assertivo a zoomorfização do homem quanto *Vidas Secas*, narrativa na qual as personagens possuem características de animais, agem por puro instinto de sobrevivência e se autodenominam bicho. Neste “romance desmontável”, Fabiano, tal como Luís da Silva, não considera a si mesmo como uma pessoa:

– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iriam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a murmurando: – Você é um bicho, Fabiano. (RAMOS, 1964, p. 20)

Diante do trecho acima, fica patente a animalização de Fabiano, pois a personagem não ousa se autodenominar como gente. Afinal de contas, as circunstâncias a que era submetido não poderiam ser consideradas dignas de um homem. Neste aspecto, o vaqueiro simboliza tantos outros sertanejos que existem nas mesmas condições sub-humanas, sujeitados a mandos e humilhações daqueles que detêm o poder de controlar aquilo que está em sua volta. Ainda nesta perspectiva, Rui Mourão (2003) ao tratar sobre a animalização de Fabiano ressalta que “Ser bicho é condenação imposta pela seca como fatalidade.” (p. 131). Em outras palavras, é possível concluir que este herói graciliânico não poderia se encaixar em nenhum outro viés, pois no ambiente em que ele se encontra não há outro destino senão aquele encontrado pelo protagonista de *Vidas Secas*.

Sob esta mesma ótica, pode-se observar tanto em *Vidas Secas* quanto em *S. Bernardo* que a animalização e a violação são incutidas somente aos sujeitos que fazem parte da camada menos favorecida da sociedade. No romance protagonizado por Fabiano, o sertanejo é vítima de agressões físicas por parte de quem representa o governo. Em contrapartida, na narrativa de Paulo Honório, é o narrador personagem quem inflige constantes humilhações contra aqueles que ele julga serem inferiores. Nesse sentido, as ideias levantadas por Pólvora (1972), ao falar sobre o herói de *Vidas Secas*, podem ser facilmente enquadradas na análise de outros textos graciliânicos:

[...] acostumou-se, como diz o romancista, “a todas as violências, a todas as injustiças.” Isto faz lembrar, em *Infância*, o capítulo em que Graciliano Ramos memorialista diz: “Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural.”

Fabiano também pensa assim. Para ele, o Governo, entidade poderosa e dispersa, tudo pode. Tem ganas de vingar-se do soldado amarelo e depois entrar para um bando de cangaceiros, mas é enorme sua capacidade de absorver injustiças sem exigir reparações. Quando, em plena caatinga, encontra o soldado, tendo à sua mercê para a vingança, Fabiano curva-se, ensina-lhe o caminho e conclui: “Governo é governo”. (p. 132)

Em face do exposto, fica evidente a presença de violências físicas nos romances do escritor nordestino, mas, para além disso, é notório que tais agressões são sempre cometidas por indivíduos em posições privilegiadas. Assim, novamente é possível vislumbrar nos textos do autor alagoano as relações de poder conturbadas que se estabelecem entre os que detêm o poder e os menos favorecidos. Neste aspecto, *S. Bernardo* se enquadra de modo preciso, pois Paulo Honório, dono da fazenda que dá nome ao livro, é personagem símbolo no que diz respeito a espezinhar seus funcionários e todos os demais sujeitos com quem o fazendeiro convive. Além disso, há de se notar também que os indivíduos que se acham nessa posição de submissão não costumam reagir diante dos maus tratos sofridos, tal como ocorre quando Marciano, um dos empregados de Paulo Honório é brutalmente agredido por seu patrão, e nada faz diante de tamanha atrocidade.

Tal ideia corrobora a perspectiva apontada por Joel Pontes (1966), ao discutir sobre a presença do social nas obras Graciliânicas:

O que há de fato é um determinismo incutido de maneira atávica nos personagens, como toneladas de servidão carregadas às costas de gerações – o que Floriano Gonçalves chamou “determinismo das forças estruturais da vida.” Quando Fabiano diz a si mesmo “tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita” (p.127) está exprimindo uma subserviência a entidades quase sobrenaturais, porque ele não sabe o que é governo. Aceitá-la como um dogma é vitória da exploração e, para o explorado uma espécie de defesa da dignidade ofendida. (p.275)

Desta maneira, tal como ocorre em *S. Bernardo* e em *Vidas Secas*, os mais desvalidos são também os indivíduos que não possuem consciência das atrocidades a que são submetidos, ou quando têm conhecimento disso, nada fazem, pois sua posição social não lhes permite questionar o que é determinado pelo mais forte. Em outras palavras, o governo é para Fabiano, assim como Paulo Honório é para seus funcionários, uma força incontestável e soberana. Neste viés de compreensão, fica explícito nas narrativas graciliânicas as relações de poder que se estabelecem entre aquele que detém todos os privilégios e o elo mais fraco da sociedade. Observa-se que os textos ficcionais do escritor alagoano dialogam diretamente com o que ocorria na década de 1930, mas também com situações que podem ser vistas nos dias de

hoje. Seja no vínculo entre patrão e empregado, seja no do cidadão e governante, de toda forma, tais práticas se perpetuam na realidade cotidiana do brasileiro. Quando são transpostas para a literatura, na mão de um escritor como Graciliano, consegue manter o alto teor artístico aliado à crítica de tamanhos absurdos.

À vista disso, tais afirmações vão ao encontro do que Carlos Nelson Coutinho (1978) ressalta acerca das narrativas de Graciliano, nas quais “[...] a estrutura romanesca [...] é a única capaz de reproduzir, do ponto de vista da grande arte narrativa moderna [...], a essência da realidade contemporânea.” (p.81). Evidenciam-se que os textos ficcionais do autor nordestino estudado no presente trabalho são de extrema relevância, pois retratam um período importante pelo qual o Brasil passou e que, sem dúvida alguma, deixou diversos resquícios na sociedade atual.

Isto posto, é essencial perceber que sob qualquer perspectiva que se olhe, como já foi destacado anteriormente, as personagens de Graciliano são equiparadas a animais, ou seja, são consideradas muito menos que indivíduos. Deste modo, é por meio dos conflitos internos vividos pelos heróis graciliânicos que o autor de *Vidas Secas* demonstra a incapacidade do homem de agir de maneira humanitária com o próximo. Tais situações são apresentadas com a finalidade de se lançar um olhar crítico sobre problemas sociais. Em cada humilhação dos menos desvalidos, em toda e qualquer animalização daquele que nada mais é do que um ser destinado ao abandono social, em qualquer trecho textual em que a violência com o mais pobre ganha destaque, Graciliano descreve dessa maneira a luta desenfreada pela sobrevivência, o caos social vivido entre as décadas de 1920 e 1930, e, acima de tudo, as relações avassaladoras do homem diante do seu semelhante.

2 O SOCIAL E A LITERATURA: AS RELAÇÕES DE PODER EM *S. BERNARDO*

O presente trabalho norteia-se a partir das teorias literárias. Assim sendo, para melhor compreender o próximo capítulo, é importante trazer alguns conceitos que auxiliarão na análise do romance de Graciliano Ramos. Desta maneira, o capítulo a seguir buscará expor um painel crítico acerca de *S. Bernardo*, sobretudo a partir das ideias de Bosi (2017), Candido (1974, 2006), bem como Lafetá (1975), dentre outras breves considerações sobre a dominação masculina e a ordem patriarcal, as quais se basearão em Souza (2017), Lima (2017) e Reis (1987). Por fim, será exposto alguns apontamentos sobre o sujeito excluído, isto é, a ralé da sociedade, apoiado nas reflexões de Souza (2017) e Lima (2017). Tais assuntos ajudarão a entender melhor a análise empreendida no capítulo posterior a este.

2.1 PAINEL CRÍTICO SOBRE *S. BERNARDO*

Publicado em 1934, o romance de Graciliano Ramos tematiza, dentre outros assuntos, os abusos de poder por parte do protagonista, Paulo Honório, em relação aqueles que com ele convivem. Nesse viés, é possível afirmar que *S. Bernardo*, assim como outros romances do escritor alagoano, é marcado pela verossimilhança, pois as relações de poder descritas no texto ficcional em muito se assemelham a situações que ocorreram na sociedade brasileira da época em que a narrativa se passa. É o que, em *História concisa da Literatura Brasileira*, Bosi (2017, p. 429) aponta:

O realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O “herói” é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza que é a sua única máscara possível.

Em face da afirmação de Bosi, confirma-se a ideia de que o romance de Graciliano se aproxima da realidade histórica da década de 1930, já que suas personagens são símbolos daquilo que de errado havia no meio social. Além de ficar evidente que *S. Bernardo*, tal como os outros escritos do literato brasileiro, contém inúmeras críticas aos abusos de poder que são narrados por Paulo Honório, dentre outros assuntos que podem ser observados no decorrer do livro. Ademais, o protagonista do texto ficcional em questão se enquadra perfeitamente naquilo que é

apontado pelo crítico literário, pois o fazendeiro não compreende a si mesmo, sente-se deslocado no ambiente no qual vive e, por esse motivo, acaba não se relacionando de forma adequada ou humanitária com aqueles que com ele convivem. Dessa forma, a partir deste conflito interno, do poder inculcido a quem está na posição em que o homem em questão se encontra, e diante da não aceitação de si e dos outros, o coronel assume a posição de patriarca, bem como todos os impactos negativos que decorrem de tal poderio.

Nesta perspectiva, ao confirmar tal ideia, Bosi (2017, p. 430) salienta que:

[...] é em São Bernardo que o foco narrativo em primeira pessoa mostrará a sua verdadeira força na medida em que seria capaz de configurar o nível de consciência de um homem que, tendo conquistado a duras penas um lugar ao sol, absorveu na sua longa jornada toda a agressividade latente de um sistema de competição.

Diante da afirmação de Bosi, fica evidente que Paulo Honório é oriundo de uma posição social sem privilégios e que, ao ascender socialmente, o fazendeiro baseará seus relacionamentos a partir das concepções que possuía antes de ser dono das terras de São Bernardo. Ou seja, as vivências acumuladas ao longo da vida do narrador personagem em muito influem para que, mais tarde, o coronel venha a manter relacionamentos abusivos, seja com seus empregados, seja com sua esposa ou com qualquer outro indivíduo que cruzar o seu caminho, pois antes mesmo de ser o detentor de tamanho poder, a personagem já estava acostumada a fazer aquilo que era necessário para sobreviver. Em outras palavras, o meio social condicionou o patrão de Rosa e Marciano a fazer tudo o que fosse necessário para manter sua posição privilegiada, nisso inclui-se aquilo que não era lícito ou humanamente aceitável, como os maus tratos inculcidos aos empregados da fazenda ou ainda o acontecimento que levou Paulo Honório à cadeia.

Sob este mesmo ângulo, ao discorrer sobre *S. Bernardo*, Candido (2006, p. 39) corrobora a ideia de Bosi ao escrever que “Neste estudo patológico de um sentimento, Graciliano Ramos [...] parte do pressuposto de que a maneira de viver condiciona o modo de ser e pensar.” Nesse sentido, é possível entender que as atitudes tiranas de Paulo Honório em relação às demais personagens, bem como a crença por parte do fazendeiro de que faz aquilo que é correto fazer, são decorrentes, sobretudo, das experiências que marcaram a trajetória de vida do marido de Madalena.

Além disso, é possível constatar que *S. Bernardo* se desenvolve a partir da ótica de Paulo Honório, pois é o fazendeiro que narra a história e oferece ao leitor a sua perspectiva daqueles que, assim como o protagonista, constituem a narrativa. Sob o ângulo de visão do fazendeiro, fica evidente que as personagens encontradas no texto ficcional em questão, ao serem descritos ou retratados, em muito se assemelham a posses do coronel e não a indivíduos com vontades próprias. Nessa linha de raciocínio, ao analisar o romance, Candido (2006, p. 32) afirma que:

Os personagens e as coisas surgem nele como meras modalidades do narrador, Paulo Honório, ante cuja personalidade dominadora se amesquinham, frágeis e distantes. Mas Paulo Honório, por sua vez, é modalidade duma força que o transcende e em função da qual vive: o sentimento de propriedade. E o romance é, mais do que um estudo analítico, verdadeira patogênese deste sentimento.

Em face do apontamento do crítico literário, ressalta-se a ideia de que as personagens que se encontram no texto de Graciliano são construídas a partir da lógica de Paulo Honório, que narra a história baseando-se unicamente em sua apreensão de mundo. Desta maneira, é notório que, no decorrer do romance, estas pessoas sejam descritas como submissas, pois é a visão do patriarca que se sobressai. Este, por sua vez, acredita que tudo e todos que estão sob suas terras lhe pertencem. Em outras palavras, o fazendeiro não faz distinção entre pessoas e coisas, considerando ambas suas posses.

Além disso, tal como evidencia Candido, é imprescindível notar que o sentimento de posse que o protagonista de *S. Bernardo* nutre em relação aos demais é o que direciona a narrativa, pois é a partir de tal ideia que se torna possível analisar os abusos de poder presentes no romance. Nessa mesma perspectiva, no prefácio de uma das edições do livro de Graciliano Ramos, Lafetá (1975), ao tratar sobre Paulo Honório, assinala que:

Seu desenvolvido sentimento de propriedade leva-o a considerar todos que o cercam como coisas que se manipula à vontade e se possui. [...]. Os despossuídos, os cabras que trabalham no eito de sua fazenda, são considerados apenas do ponto de vista da quantidade de trabalho que podem oferecer. (p. 206-207)

Dentro desta lógica de pensamento, é patente que, em *S. Bernardo*, haja também a presença do processo de reificação dos indivíduos. Na reificação, as pessoas perdem o seu valor como seres humanos e são vistas, exclusivamente, pelo

trabalho que podem prestar. Tal lógica é perceptível, sobretudo, nos empregados da fazenda de Paulo Honório, os quais, sob a ótica do coronel, são suas propriedades ou ainda, como afirma Candido (2006, p. 36), “[...] simples autômatos, peças da engrenagem rural.” Dessa forma, não é difícil concluir que o resultado da maneira com que o protagonista do romance encara seus empregados seja, de fato, as constantes humilhações, espancamentos e abusos que vitimizam os funcionários do narrador personagem, pois tais sujeitos não são considerados homens para o marido de Madalena, pelo contrário, estes indivíduos não passam de coisas que pertencem ao seu empregador e, por esse motivo, o fazendeiro acredita que possui o mais elevado direito sob aqueles que ele acredita serem suas posses.

Neste mesmo cenário em que o trabalhador é desumanizado e visto somente como uma coisa, se faz necessário ressaltar também a presença da animalização sofrida por um dos empregados de Paulo Honório, o qual constantemente nivela o trabalhador ao mesmo patamar de um animal. Em relação a tal ideia, pode-se analisar a narrativa de Graciliano Ramos a partir das ideias apontadas por Candido ao discutir *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. Assim sendo, o crítico literário, ao refletir sobre sua interpretação sobre o romance naturalista, destaca que:

[...] sobretudo no fato das descrições das relações de trabalho revelar um nível mais grave de animalização, que transcende essa redução naturalista, pois é a própria redução do homem à condição de besta de carga, explorada para formar capital dos outros. (CANDIDO, 1974, p. 799)

Tal análise feita por Candido pode ser utilizada para estudar *S. Bernardo*, pois, assim como em *O cortiço*, no romance que narra a trajetória de Paulo Honório, o fazendeiro é justamente o homem que reduz os seus empregados a meras máquinas de produção. Assim sendo, o marido de Madalena justifica tal atitude com a ideia de que o intuito é fazer a fazenda prosperar, bem como obter lucros que jamais serão repartidos com os indivíduos que de fato produziram tais riquezas. Em outras palavras, para que os trabalhadores continuassem a exercer suas funções de modo tão acelerado, tal como o capitalismo que começava a entrar em cena da década de 1930 pregava, era preciso que os funcionários fossem desumanizados, para que, deste modo, estes sujeitos fossem submissos às vontades do patrão e pudessem produzir incansavelmente.

Em face disso, só se pode concluir que *S. Bernardo* é constituído pelas relações de poder estabelecidas por Paulo Honório, seja para com os seus amigos,

empregados, ou qualquer outra pessoa que viesse a cruzar o seu caminho. Desta maneira, assim como afirma Lafetá (1975, p. 195), ao iniciar a leitura do romance se percebe que “Fomos já introduzidos em seu mundo – um mundo que, em última análise, se reduz à sua voz áspera, ao seu comando, à sua maneira de enfrentar os obstáculos e vencê-los. Um mundo que se curva à sua vontade.” Em outras palavras, a narrativa de Graciliano Ramos se volta para os interesses e anseios de um protagonista que não só explora as demais personagens, como também os domina, os animaliza, e os rebaixa a uma condição inferior a de qualquer outro ser humano. Tais ideias poderão ser averiguadas no subcapítulo seguinte.

2.2 A DOMINAÇÃO MASCULINA E A SOCIEDADE PATRIARCAL

Na literatura brasileira, a dominação masculina imposta à mulher ou contra o menos favorecido é uma temática recorrente. Tal assunto pode ser facilmente encontrado na narrativa de Graciliano Ramos, sobretudo, em relação aos empregados da fazenda de São Bernardo, que são subjugados pelo patrão e protagonista, Paulo Honório. Nessa perspectiva, é possível fazer uma analogia entre o texto ficcional em questão e a sociedade, já que ambos se baseiam em uma organização social muito rígida e hierárquica.

A corroborar tal ideia, ao abordar assuntos pertinentes à literatura e à sociedade, Reis afirma que:

A sociedade é hierárquica, e esta hierarquia se manifesta em seu patriarcalismo/paternalismo, em sua organização eminentemente masculina. No *centro – núcleo* –, dominando, o senhor/o homem/o pai/o branco/o fazendeiro; na periferia – *nebulosa* – dominado, o escravo/a mulher/o filho/o índio/ o sertanejo [...]. A relação entre *núcleo* e *nebulosa* é, fundamentalmente, calcada na dominação. Esta estrutura, hierárquica, *centro-periférica*, presente na sociedade brasileira e, numa homologia entre realidade e ficção, nos personagens dos textos literários brasileiros. (1987, p. 44-45, grifos do autor)

Em face da ideia de Reis, bem como da narrativa graciliânica, pode-se constatar que tal sociedade é muito bem retratada em *S. Bernardo*, pois, tal como evidencia o crítico literário, esta disposição se faz por meio da posição de patriarca que Paulo Honório assume logo no início do romance. Além disso, é importante ressaltar que a figura do dominador sempre estará relacionada ao homem, sobretudo, pois, em uma sociedade patriarcal, é ele quem irá exercer a função daquele que detém

o poder. Assim, resta à mulher, ou ao desvalido, a subjugação ao dominante. Em outras palavras, o texto ficcional de Graciliano Ramos é, na verdade, um reflexo das relações sociais que ocorriam entre as décadas de 1920 e 1930, nas quais, havendo ainda resquícios patriarcais tal como se observa na narrativa, o mais poderoso, leia-se a figura de sexo masculino, submete os demais aos seus mandos e vontades.

Neste mesmo padrão interpretativo, ao discutir as ideias relacionadas ao patriarcalismo de Freyre, em *Casa-grande e senzala*, Souza (2017, p. 29) destaca que:

A família patriarcal reunia em si toda a sociedade. Não só o elemento dominante, formado pelo senhor e sua família nuclear, mas também os elementos intermediários constituídos pelo enorme número de bastardos e dependentes, além da base de escravos domésticos e, na última escala da hierarquia, os escravos da lavoura.

A partir do apontamento do sociólogo, é possível afirmar que as personagens de Graciliano Ramos constituem em *S. Bernardo* a família patriarcal de Paulo Honório. Ou seja, há no romance todos os elementos apresentados por Souza para caracterizar tal modelo familiar. Dessa forma, novamente se pode averiguar a problemática da dominação masculina, pois o modelo patriarcal baseia-se, justamente, na ideia do homem/pai como representação da máxima autoridade.

Nesse sentido, o protagonista e chefe de família, Paulo Honório, pode ser comparado a uma espécie de senhor, enquanto seus empregados, que trabalham incansavelmente para obedecer às vontades de seu patrão, podem ser equiparados a escravos em tempos em que a escravidão já teria hipoteticamente acabado. Dessa forma, é demonstrado a dominação que, é viável afirmar, se perpetua na sociedade brasileira entre aqueles que são detentores do poder em relação aos desvalidos. Em suma, em uma sociedade que se assemelha aos moldes patriarcais supostamente extintos, tal prática, segundo Souza (2017, p. 29), ocorre em virtude de:

O chefe da família e senhor de terras e escravos era autoridade absoluta nos seus domínios [...]. O patriarcalismo de que nos fala Freyre tem esse sentido de apontar para a extraordinária influência da família como alfa e ômega da organização social do Brasil colonial.

Desta maneira, é evidente que, para que o dono das terras de São Bernardo possa impor-se aos demais, tal situação só é possível porque Paulo Honório é um patriarca. Em outras palavras, a dominação masculina da mulher, como é o caso de Rosa e Madalena, bem como a que sucede com os demais desfavorecidos (os

funcionários da fazenda de Paulo Honório), se dá, principalmente, pelo motivo de assim ser organizada uma sociedade patriarcal. Embora a narrativa de Graciliano Ramos se passe entre 1920 e 1930, é visível no texto uma enorme semelhança com aquilo que caracteriza as práticas da lógica patriarcal.

A corroborar tal ideia, ao analisar o narrador personagem de *S. Bernardo*, Lima (2017, p. 109-110) salienta que:

Paternidade e patriarcalismo amalgamam a figura do coronel em uma só; ele julga ter a autoridade de pai que castiga exemplarmente os filhos/empregados, como ocorre com as pancadas que dá em Marciano, porque este não executou uma determinada tarefa corretamente [...] Paulo Honório também entende que suas vontades sexuais devem ser satisfeitas pelas mulheres [...].

Diante de tal afirmativa, soma-se ao papel de patriarca de Paulo Honório a incumbência de pai, isto é, o responsável em educar aqueles que dele dependem. Sendo assim, bem como aponta Lima, o fazendeiro se acha no direito de agredir fisicamente seus empregados, ou ainda abusar sexualmente de sua funcionária que, apesar de não resistir às investidas do dono das terras de São Bernardo, nada pode fazer diante da vontade incontestável do patrão.

À vista destas considerações, é possível identificar na narrativa de Graciliano a presença da violência simbólica. Esta pode ser entendida como uma maneira de dominação. Apesar de não necessariamente masculina, a violência em questão no romance ocorre a partir do homem, que coage aqueles que moram em sua fazenda a fazerem suas vontades. Nesse sentido, ao tratar sobre as formas de controle utilizadas nos tempos modernos, Souza (2017, p. 119) ressalta que “Substitui-se a violência física, como elemento principal da dominação social, pela violência simbólica, mais sutil, mas não menos cruel.”

Em face de tal afirmação, embora em *S. Bernardo* uma violência não seja completamente substituída pela outra, torna-se perceptível que a violência simbólica ganha destaque na narrativa, sobretudo porque é com base nela que Paulo Honório irá se relacionar com as demais pessoas que, de uma forma ou outra, convivem com ele. Vale frisar que o fazendeiro é o único detentor de direitos, ao passo que os empregados, amigos e familiares do coronel se encontram coagidos pelo patriarca que os domina, subjugando-os.

Em conformidade com o que vem sendo exposto, tal ideia pode ser averiguada também na análise de Souza (2017, p. 67), quando o sociólogo ressalta que “A

violência simbólica significa a construção de uma nova concepção de sociedade adequada aos interesses dos proprietários.” Em outras palavras, o protagonista do texto de Graciliano Ramos formula uma maneira diferente de violentar e abusar daqueles que ele julga inferiores. Tal diferença consiste unicamente na nomenclatura desta violação, pois, anteriormente, era chamada escravidão e, agora, é denominada obediência ao patrão, detentor do poder.

Além do exposto até aqui, a dominação masculina também pode ser observada em *S. Bernardo* por meio do próprio narrador, que conta sua história de vida somente de acordo com a sua perspectiva, não deixando espaço para que os outros possam oferecer ao leitor um panorama diferente do que ele expõe. Este procedimento adotado pelo narrador evidencia o silenciamento das mulheres e dos desvalidos na narrativa, representados pelo viés patriarcal e dominador do fazendeiro.

Ao analisar Madalena, cônjuge de Paulo Honório, Lima (2017, p. 107) aponta que “[...] a mulher tem suas ações e sua voz cerceadas pela prepotência masculina, prova evidente de que a ordem patriarcal, agora em ritmo de capitalismo selvagem, ainda dispunha relativo vigor.” À vista disso, fica patente que no romance de Graciliano Ramos o que predomina é a voz masculina, pois, mesmo que a esposa do coronel se encontre em uma posição considerada privilegiada, ao contrário dos demais empregados da fazenda, ainda é possível averiguar que a mulher tem suas falas e ações limitadas pelo homem. Ou seja, a dominação masculina, comumente característica de uma sociedade patriarcal, é também vislumbrada em *S. Bernardo*, não limitada apenas aos menos favorecidos, mas também aos que podem ser considerados, no âmbito social, inferiores, como é o caso das mulheres.

Nesta mesma perspectiva, reiterando o que foi exposto, Lima (2017, p. 126) também afirma que “[...] os valores femininos não interessam àquele mundo em que a ordem masculina demonstra ser a única com validade e respeitabilidade.” Em outras palavras, como a retomar os apontamentos trazidos no presente estudo, na sociedade dividida entre os valores capitalistas e as práticas patriarcais, na qual se passa o romance de Graciliano Ramos, a mulher ainda é considerada um ser submisso, que não deve demonstrar suas opiniões ou crenças, sendo o homem o único detentor de tais direitos.

Desta maneira, é possível afirmar que, assim como evidencia Reis (1987, p. 119, grifos do autor), por muito tempo na sociedade brasileira, bem como na literatura “[...] os *fora do círculo* nunca tiveram vez, sua voz sendo ouvida no discurso do

opressor.” Tal apontamento é perceptível em *S. Bernardo*, assim como em muitas situações que ocorrem fora das páginas ficcionais de um livro. Desse modo, é possível concluir que a dominação masculina se estende para além do período patriarcal, como ocorre no romance que foi elencado como foco do presente trabalho, mas também sucede no mundo real. Portanto, fica patente que os sujeitos considerados menos favorecidos são, comumente, vítimas da dominação discutida neste tópico.

2.3 SUJEITOS DESVALIDOS OU ESCRAVOS MODERNOS?

Assim como foi apontado no subcapítulo anterior, os indivíduos que não possuíam meios próprios para subsistir viam-se obrigados a se submeter aos mandos e desmandos dos detentores do poder. Em *S. Bernardo*, um e outro são representados, respectivamente, pelos trabalhadores da fazenda de Paulo Honório e pelo próprio fazendeiro, que constantemente humilhava, espancava e cometia inúmeras outras violências contra aqueles que ele acreditava serem suas propriedades.

Em face disso, fica mais uma vez evidente que os funcionários das terras de São Bernardo são equiparáveis a escravos, pois trabalhavam em situações ultrajantes. Nessa perspectiva da continuidade dos valores e até mesmo algumas práticas escravocratas após a abolição, Souza (2017, p. 61) salienta que:

O Brasil passou de um mercado de trabalho escravocrata para formalmente livre, mas manteve todas as virtualidades do escravismo na nova situação. Os ex-escravos da “ralé de novos escravos” continuam sendo explorados na sua “tração muscular”, como cavalos aos quais os escravos de ontem e de hoje ainda se assemelham.

A ideia do sociólogo em muito auxilia no entendimento do que ocorre aos funcionários de Paulo Honório, uma vez que, ainda que denominados trabalhadores e não mais escravos, pois na época em que a narrativa se passa a Lei Áurea há muitos anos já havia sido assinada, assemelham-se aos escravos de outrora, pois são tratados como bichos, desumanizados, humilhados e obrigados a obedecerem às vontades de seu patrão, que mais se assemelha a dono. Desta maneira, tal como destaca Souza, os princípios escravocratas foram mantidos na sociedade brasileira, o que permitiu que as práticas utilizadas pelo protagonista de *S. Bernardo* com os

empregados de sua fazenda fossem algo corriqueiro em um meio que se baseava nas ideias patriarcais.

Sob esta mesma ótica, como a corroborar a afirmação de Souza, Lima (2017, p. 130), ao analisar o romance de Graciliano Ramos, sobretudo Paulo Honório, destaca que:

O fazendeiro obcecado pela ascensão socioeconômica tem em mente apenas o lucro a coordenar suas ideias, obviamente enxergando os trabalhadores em geral [...] como indivíduos desprovidos de humanidade, meras máquinas que necessitam estar em constante funcionamento, já que essa permanência assinala a otimização da produtividade de seu empreendimento, levando-o a obter bons ganhos.

Ambas as observações apresentadas acima evidenciam a semelhança dos empregados de Paulo Honório, aqui vistos como os sujeitos desvalidos, aos escravos de outrora, pois tanto os trabalhadores das terras de São Bernardo quanto os indivíduos escravizados são vistos pelo detentor do poder como seres sem humanidade, que necessitam prestar todo e qualquer serviço exigido. Além disso, tal como ocorreu por séculos no Brasil, na história narrada pelo fazendeiro, os que se encontravam em situações de submissão eram obrigados a trabalhar incansavelmente, sob a justificativa de que caso não cumprissem suas tarefas poderiam ser castigados fisicamente. Dessa maneira, as personagens do texto ficcional graciliânico repõem em cena situações que, para a época em que a narrativa se passa, já deveriam ter sido extintas, como é o caso das circunstâncias a que os funcionários do marido de Madalena eram sujeitados.

Considerando os aspectos apontados acima, a ideia de que o escravo de antigamente é o trabalhador explorado de hoje pode novamente ser observada nos escritos de Souza (2017, p. 42-43):

[...] a antiga “raça condenada” se transforma em “classe condenada.” Mas a função social continua a mesma. Essa serve às classes incluídas como mecanismos de distinção em duas frentes: uma simbólica, para provocar o prazer da “superioridade” e do mando; e outra material e pragmática, no sentido de criar uma classe sem futuro que pode, portanto, ser explorada a preço vil.

Diante das reflexões do sociólogo brasileiro, pode-se averiguar, além das questões já elencadas até aqui, que a problemática da violência é recorrente nos meios de dominação patriarcal e, ao mesmo tempo, modernos. Isso explica porque a violência simbólica descrita por Souza é a mesma vivenciada por Rosa, empregada e

amante de Paulo Honório, bem como o segundo ponto de distinção apontado na passagem acima, no qual o dominador, no romance de Graciliano representado na figura do coronel, impede que os demais tenham condições de escapar dos abusos a que são submetidos. Deste modo, assim como se verifica nas ideias de Souza, em *S. Bernardo* o protagonista utiliza de ambas estratégias para manter seus empregados submissos e incapazes de se desvencilharem de tal situação.

Ainda nessa ótica, Souza (2017, p. 49) define que tal manutenção de crenças e práticas é “[...] uma herança que se passa de geração a geração: a perpetuação da escravidão “dentro dos homens”, gerando a “ralé de novos escravos” de hoje em dia, ainda que, formalmente, não exista mais a escravidão”. Em outras palavras, esta herança discutida pelo sociólogo está também presente no romance de Graciliano Ramos, o qual é verossímil em diversos aspectos, principalmente no que diz respeito à maneira como o menos favorecido é desprezado e humilhado pelo que detém o poder.

Em face de tal conjuntura, é possível concluir que os métodos utilizados pelo dono das terras de São Bernardo, sobretudo no trato de seus funcionários, são provenientes de ideias patriarcais, mas, além disso, “[...] o código que move esse espaço encravado no meio rural, espécie de paraíso às avessas criado por Paulo Honório, passa pela exploração capitalista, na qual não cabem a comiseração ou o reconhecimento.” (LIMA, 2017, p. 128). Dessa forma, fica evidente que o fazendeiro, que protagoniza a narrativa de Graciliano, emprega dois sistemas socioeconômicos – o do estatuto escravocrata e a do mundo do trabalho assalariado – que não dão vez aos desvalidos, encarando-os como propriedades, passíveis de sofrerem todo e qualquer tipo de violação, sem nada poderem fazer diante do poder incontestável daquele que possui todos os meios de controle de uma sociedade.

3 HIERARQUIA E SUJEIÇÃO EM *S. BERNARDO*

O presente capítulo tem como objetivo analisar o romance *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, sobretudo, no que diz respeito as relações de poder que se estabelecem ao longo da narrativa. Em face disso, para analisar tal temática dentro do romance do escritor alagoano, serão utilizados alguns textos de teoria literária, bem como conceitos sociais que podem ser empregados no estudo do romance em questão. Assim sendo, para demonstrar a verossimilhança existente entre a narrativa graciliânica e a sociedade brasileira da década de 1930, será empregada a visão de Reis (1987). Além disso, as ideias de Candido (2006) e Lafetá (1975) são fundamentais para o entendimento da animalização do homem dentro do livro estudado. Ademais, as noções trazidas por Souza (2017) e Freyre (2005) demonstram grande relevância no que diz respeito a costumes patriarcais e escravocratas que se perpetuam na sociedade e que, por consequência, também podem ser averiguados na literatura. Por fim, mas não menos importante, as observações de Lima (2017) são essenciais para a análise que será empreendida a seguir.

3.1 OS EMPREGADOS DE PAULO HONÓRIO

Ao longo de *S. Bernardo* fica evidente que as relações que Paulo Honório estabelece com as demais personagens visam, em sua grande maioria, a obtenção de vantagens pecuniárias. Sob este ângulo, ao analisar o protagonista do romance, Candido (2006, p. 34) salienta que “O próximo lhe interessa na medida em que está ligado aos seus negócios, e na ética dos números não há lugar para o luxo do desinteresse.” Desta maneira, de acordo com a visão de Paulo Honório, seus empregados não expressam senão capacidade de produção. Nesta ótica truncada, o fazendeiro os enxerga apenas pelo que seus serviços braçais podem lhe oferecer. Em outras palavras, o narrador-personagem vislumbra em seus funcionários o que Candido (2006, p. 22) denomina de “máquina muscular”, num evidente destaque à reificação do ser humano e repondo na ordem do dia os valores consagrados pela ordem escravocrata, que via no escravo apenas a tal máquina de músculos, que realiza atividades estafantes, a que alude Candido. Em conformidade com a ótica de Paulo Honório, os funcionários são úteis apenas para trabalhar, e se não o podem fazer, não possuem serventia.

Nesse sentido de transformação de pessoas em meras máquinas que produzem trabalho, Lafetá (1975, p. 187), no ensaio sobre *S. Bernardo* “O mundo à revelia”, aponta que:

Mediada sempre pelo mercado, a consciência humana tende progressivamente a fechar-se à compreensão dos elementos qualitativos e sensíveis da realidade. Todo valor se transforma – ilusoriamente – em valor-de-troca. E toda relação humana se transforma – destruidoramente – numa relação entre coisas, entre possuído e possuidor.

Na sua análise do romance de Graciliano, Lafetá (1975) observa que Paulo Honório se relaciona com seus funcionários de acordo com os princípios capitalistas, dos quais o protagonista está impregnado sobretudo a partir do momento em que ele se torna proprietário. Todavia, paradoxalmente, ele assume sua faceta patriarcalista. Ou seja, de um lado, ao encontrar-se em uma posição de poder, o fazendeiro muda a forma como encara e age com os demais a sua volta, passando a enxergar as pessoas somente pela possível lucratividade que podem lhe oferecer. Por outro, fica evidente que, ao se transformar numa espécie de senhor patriarcal, Paulo Honório age de maneira tirana, deixando de lado todo e qualquer sentimento de empatia que um dia possa ter nutrido por aqueles que com ele convivem. Tal ideia pode ser verificada na seguinte passagem:

A voz de Madalena continua a acariciar-me. Que diz ela? Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a mestre Caetano. Isso me irrita [...]. Irritado contra quem? Contra Mestre Caetano. Não obstante ele ter morrido. Acho bom que vá trabalhar. Mandrião! (RAMOS, 2017, p.119)

Nesta passagem do romance, é importante ressaltar o estado de saúde precário em que se encontrava Mestre Caetano, empregado do fazendeiro, sobretudo por conta de sua idade já avançada. Sendo assim, nos termos usados para referir-se ao empregado, Paulo Honório demonstra não se importar com as condições em que seus funcionários se encontram. Fica, portanto, evidente que o coronel não percebe que seus empregados sejam pessoas que possuem necessidades básicas. Pelo contrário, ele os trata como animais abandonando-os a própria sorte quando estes não possuem mais utilidade dentro do mundo do trabalho. Em suma, quem trabalha para o coronel tem tratamento semelhante ao que foi dado aos escravos no Brasil. Não é difícil lembrar que uma das justificativas da escravidão moderna pautou-se justamente em zoomorfizar as populações africanas que foram arrastadas para o

cativeiro. De modo análogo, não é outra a atitude de Paulo Honório, que, mesmo em tempos de industrialização crescente no Brasil, tem arraigado dentro de si a relação senhor/escravo, levando-o a animalizar os empregados.

Em condições semelhantes de animalização e de submissão, encontram-se as personagens Marciano e Rosa, cujo valor que possuem para seu patrão, tal qual sucede a Mestre Caetano, é insignificante. Portanto, o coronel – que continuamente faz reviver a lógica da ordem escravocrata – os enxerga como suas posses, o que lhe dá o mais elevado direito sobre a vida de seus empregados. A partir dessa perspectiva, os parágrafos seguintes buscam compreender os motivos que levam Paulo Honório – tão próximo da industrialização crescente do país e, paradoxalmente, tão parecido com um senhor de escravos – a desmerecer, explorar, espezinhar seus funcionários, sobretudo, Rosa e Marciano, este descrito pelo narrador como “[...] mulato esbodegado [...]” (RAMOS, 2017, p. 68), aquela como “[...] muito ordinária [...]” (RAMOS, 2017, p. 67) reforçando a ideia de que a escravidão de par com a animalização e concepção da mulher como objeto sexual é uma coisa bastante viva na mente do fazendeiro.

3.2 ROSA: A VOZ SILENCIADA E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Em *S. Bernardo*, Rosa é casada com Marciano e, assim como o marido, trabalha para Paulo Honório. O que se sabe sobre a personagem é somente aquilo que o narrador nos conta sobre ela. Em outras palavras, é a partir do olhar dominador e masculino do fazendeiro que Rosa passa a ser conhecida. Sendo assim, a personagem não possui voz já que a narrativa se dá a partir da perspectiva do coronel. Nesse sentido, Rosa se enquadra na observação feita por Reis (1987, p. 119, grifos do autor), de que “[...] numa homologia entre ficção e realidade social, em nossa História os *fora do círculo* nunca tiveram vez, sua voz sendo ouvida no discurso do opressor.” Ou seja, ao estabelecer uma relação de verossimilhança entre a sociedade brasileira da época e o romance de Graciliano Ramos, considerando a observação acima de Reis, Rosa, que se encontra entre os ocupantes da margem da sociedade descrita por Reis (1987), representa a mulher que é submissa ao proprietário (ou seu senhor?), não por vontade própria, mas sim mediada por normas patriarcais que, no momento dos fatos narrados por Paulo Honório, ainda regiam a sociedade e faziam que a mulher, notadamente a de classe inferior, se assujeitasse.

Nesse cenário, as raras vezes em que o fazendeiro se refere à Rosa derivam de sua ótica e sua posição de patriarca. Ao encarnar o papel, deslocado, de patriarca – e aí se compreende a lógica machista que pauta a vida de Paulo Honório – o protagonista faz uso de expressões que objetificam e diminuem a figura da mulher. A seguinte passagem pode exemplificar tal ideia:

Rosa do Marciano atravessava o riacho. Erguia as saias até a cintura. Depois que passava o lugar mais fundo, ia baixando as saias. Alcançava a margem, ficava um instante de pernas abertas, escorrendo água, e saía torcendo-se, com um remeio de bunda que era mesmo uma tentação. (RAMOS, 2017, p. 184)

Na citação acima, percebe-se que o coronel, ao descrever algo cotidiano que sua empregada faz, acaba atribuindo a essa descrição um forte cunho erótico. Diante disso, é interessante notar que tais avaliações se limitam àquelas mulheres que Paulo Honório julga inferiores. Ou seja, o tratamento utilizado pelo protagonista para caracterizar sua amante e funcionária não é o mesmo que ele emprega ao descrever de forma respeitosa sua esposa, Madalena. Tal distinção pode ser muito bem explicada por Reis quando ele aponta que:

[...] não raro, na Literatura Brasileira, o amor físico seja praticado com negras e mulatas (com mulheres de situação social inferior), sendo que o amor para com as mulheres brancas, quando estas têm posição social equivalente à dos homens implicados, é platônico, espiritualizado. (1987, p. 42)

Nesse sentido, ao retratar Rosa como mero objeto sexual, Paulo Honório também reafirma sua posição social. Isto é, para o fazendeiro, a empregada é apenas mais uma de suas posses, tal qual as escravas o eram para os senhores. Por esse motivo, ele não possui nenhuma vergonha em descrever a funcionária de tal modo em sua narrativa. O que se pode deduzir, ao descrever Rosa com um olhar libidinoso, é que o coronel só destaca as características físicas da empregada com o objetivo de deixar explícita sua intenção de dela tirar proveito sexual.

Em contrapartida, quando conhece Madalena, a futura esposa, Paulo Honório retrata-a de maneira oposta, atribuindo-lhe características que exaltam sua bondade e generosidade ou sua beleza e recato. Na primeira vez que viu Madalena na casa do dr. Magalhães, as observações de Paulo Honório ficam no plano da idealização: “A loura tinha a cabecinha inclinada e as mãozinhas cruzadas, lindas mãos, linda cabeça” (RAMOS, 2017, p.76) e “[...] a mocinha loura voltava para nós, atenta, os grandes olhos azuis.” (RAMOS, 2017, p.77), reforçando o platonismo sobre o qual menciona

Reis em citação acima. Ou seja, há uma enorme diferença entre a forma como uma e outra são apresentadas pelo fazendeiro. Rosa, aqui vista nos mesmos moldes que uma escrava, é apontada como a mulher com quem ele se deita por prazer, enquanto Madalena é apresentada dentro de uma moldura de senhora respeitável com quem pretende ter um herdeiro.

Tais definições vão ao encontro do famoso trecho de *Casa-grande & senzala*, no qual Freyre (2005, p. 72) lembra antigo ditado que resume as funções das mulheres em uma sociedade patriarcal: “branca para casar, mulata para foder, negra para trabalhar”. Nesse sentido, apesar de, ao longo do romance, nunca ser relevado a cor de sua pele, Rosa se enquadra em duas perspectivas apontadas por Freyre (2005): tanto a mulata, que satisfaz sexualmente seu patrão, quanto a negra, que trabalha para o fazendeiro. Isso fica explícito nas páginas finais do romance, quando o coronel relata que “[...] Rosa com a barriga quebrada de tanto parir, trabalha em casa, trabalha no campo e trabalha na cama.” (RAMOS, 2017, p. 220). Fica evidente, portanto, que não há distinção entre o trabalho realizado por uma escrava e o exercido pela companheira de Marciano. Fica patente que ambas recebem o mesmo tratamento, bem como são vítimas dos mesmos abusos por parte de homens que exercem o poder despoticamente.

A partir dessa perspectiva, em um viés culturalista, Rosa se enquadra naquilo que Souza (2017) escreve sobre os pobres em geral. Estes são vistos sob a mesma ótica da dos escravos negros de outrora. Ou seja, tanto Rosa – mulher livre – quanto os escravos se encontram na mesma posição de dominados. Nesta situação, tornam-se passíveis de sofrer violências físicas ou simbólicas sem que nada seja feito para impedir tais abusos. Dentro desta perspectiva de interpretação, é possível constatar que os sofrimentos dos menos favorecidos em nossa sociedade estão retratados no romance de Graciliano, visto que os empregados de Paulo Honório são quase que reféns de um modelo econômico, que vige na fazenda, muito próximo dos moldes escravocratas. Esta lógica que se percebe em *S. Bernardo* corrobora a afirmativa de Souza (2017, p.43) de que “O ódio ao pobre hoje em dia é a continuação do ódio devotado ao escravo de antes.” Em outras palavras, Souza (2017) atesta que os maus tratos e a indiferença por parte dos mais favorecidos em relação aos pobres ocorrem por conta de um forte sentimento de repulsa que a classe dominante alimenta há séculos pelos desvalidos. A situação tornou-se mais complexa porque, após a

abolição da escravatura, o alvo dessa aversão tenha passado a ser o pobre e não necessariamente só o negro.

Desse modo, ao utilizar as considerações de Souza (2017) para analisar Rosa, fica evidente que a personagem é vítima do mesmo ódio que, outrora, foi destinado ao escravo. No romance, fica patente que o recorte de um período em que a sociedade passava por inúmeras transformações. Apesar destas mudanças, nota-se uma ótica de desvalorização na maneira como a mulher de classe social inferior é vista pelo homem de condição econômica superior. No capítulo sobre a decisão de Paulo Honório se casar, o seguinte trecho reforça tal ideia:

Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.
A que eu conhecia era a Rosa do Marciano, muito ordinária. Havia conhecido também a Germana e outras dessa laia. (RAMOS, 2017, p.67)

Ao ressaltar que não se “ocupa com amores”, Paulo Honório está afirmando que os seus relacionamentos amorosos visam somente a obtenção de prazer, considerando as mulheres que com ele se envolvem completamente irrelevantes. O fazendeiro designa mulheres pobres como “dessa laia”, expressão bastante pejorativa que leva o leitor a perceber Rosa e Germana muito próximas a mulheres prostituídas. Diante disso, o coronel reforça a ideia de que as mulheres de classes sociais inferiores desmerecem sua atenção. É o que sucede a Rosa. Ela é caracterizada como ordinária pelo seu patrão, todavia é ele quem a objetifica e tira proveito dela, mantendo às escondidas (ou talvez nem tanto, pois pode-se cogitar que Marciano tenha consciência disso, mas, vilipendiado e assujeitado como é, não consegue esboçar nenhuma reação) um relacionamento amoroso com a mulher de seu empregado.

Tal relacionamento não deveria ocorrer, visto que o proprietário de São Bernardo, além de figurar como patriarca, também se apresenta como o fundador de sua própria linhagem, “[...] o iniciador de uma família [...]” (RAMOS, 2017, p.16), o que o coloca no papel de pai perante todos aqueles que dele dependem, nisso se incluindo os próprios empregados. Nesse sentido, Lima destaca que:

[...] o relacionamento entre Paulo Honório e Rosa inscreve-se no âmbito do incesto, porque no lugar de fazer o papel de pai protetor contra o assédio sexual que pode vitimar a empregada (aqui vista como filha), o próprio fazendeiro deseja e possui a empregada, talvez até tendo filhos com ela [...]. (2017, p. 110)

A ideia acima reforça que a relação entre Paulo Honório e Rosa se faz nos mesmos modelos escravocratas. Noutras palavras, em meio a uma sociedade que se transforma e se industrializa, as práticas que dirigem as relações sociais ainda são primitivas. Portanto, apesar de Rosa não se negar a ter relações com o seu patrão, o que fica evidente é que muito provavelmente ela não tenha opções, já que naquele meio os excluídos não tinham vez e a vontade do coronel era soberana e incontestável. Dessa maneira, Rosa sofre o que Pierre Bourdieu denomina de violência simbólica. Este tipo de violência, segundo Silva e Oliveira (2017, p. 161):

[...] é “uma violência “invisível”, adotada por meios genuinamente simbólicos de comunicação e conhecimento, que se constitui em um vínculo de subjugação-submissão e que resulta de uma dominação, da qual o dominado é cúmplice, dado o estado natural em que a realidade se apresenta.

É exatamente essa violência disfarçada de obrigação em obedecer ao seu patrão que vitimiza Rosa. Em outras palavras, não é uma violência física, que está escancarada, mas ela existe, pois as posições sociais dessas personagens, num ambiente ainda marcados por valores patriarcais, demonstram que os que detêm o poder acabam por subjugar os menos afortunados. Sendo assim, o caso amoroso de Paulo Honório com sua empregada pode ser encarado como uma forma de opressão, já que somente um dos lados poderia escolher.

Além disso, o coronel demonstra, inúmeras vezes, o seu descaso e falta de empatia em relação aos demais, sobretudo aqueles que, na sua visão de mundo, são considerados inferiores. Nessa perspectiva, o episódio em que Madalena dá a Rosa um vestido velho comprova mais uma vez a mesquinhez de Paulo Honório:

[...] Madalena, que tinha oferecida à Rosa um vestido de seda. É verdade que o vestido tinha um rasgão. Mas era disparate.
– Deitasse fora, foi o que eu disse a Madalena. Se estava estragado, era deitar fora. Não é pelo prejuízo, é pelo desarranjo que traz a esse povinho um vestido de seda. (RAMOS, 2017, p. 140)

No trecho acima, percebe-se que fazendeiro, além de abusar de sua posição de patriarca, também acha que os seus empregados não merecem nem as sobras daquilo que provém de seu lar – espécie de casa-grande em tempos modernos que insiste em pôr na ordem do dia os valores consagrados à época da escravidão no país. Nesta demonstração de avareza, Paulo Honório se encontra, segundo Reis (1987, p. 57) “[...] a meio caminho entre a ordem patriarcal e a ordem capitalista”. Isso significa que, segundo as normas do capitalismo, é necessário negar qualquer direito

ou a possibilidade de que os desafortunados tenham qualquer coisa além do mínimo, uma forma para que os menos favorecidos continuem submissos. Por isso, o fazendeiro julga um desarranjo sua empregada possuir um vestido de seda, já que esta peça de roupa simboliza os privilégios da classe dominante, os quais, para quem é dominado jamais deveria existir, pois tal possibilidade desalinhará a ordem natural das coisas naquela sociedade.

3.3 MARCIANO: O HOMEM TRAVESTIDO DE BICHO

Reiterando a sua posição social, o protagonista de *S. Bernardo* exerce sua relação de patrão/empregado com Marciano de modo distinto daquele que era utilizado para se relacionar com Rosa, visto que a submissão da mulher passava pela satisfação sexual do coronel. Diferentemente da violência simbólica sofrida pela mulher, a relação entre Paulo Honório e Marciano ultrapassa o limite do simbólico e chega à violência extremada, com episódios em que o fazendeiro humilha e espanca o funcionário. Além disso, é comum que o patriarca compare Marciano a animais, o que oprime e rebaixa ainda mais o trabalhador:

– Manda-me cá o Marciano, *aquele cachorro*. Até logo, vou ver.
 À noite reuni Marciano e Padilha na sala de janta, berrei um sermão comprido para demonstrar que era eu que trabalhava para eles. Mas atrapalhei-me e contentei-me com injuriá-los.
 – Mal-agraçados, estúpidos.
 [...]

 Marciano encolhia-se, levantava os ombros e intentava meter a cabeça dentro do corpo. *Parecia um cágado*. (RAMOS, 2017, p. 69, grifos nossos)

Somados aos insultos e à maneira opressiva com que o narrador trata seus trabalhadores, estão os adjetivos animaisos que o fazendeiro utiliza para caracterizar Marciano. Nesse sentido, fica evidente em dois momentos do trecho acima que o coronel se refere ao seu empregado como um animal. Primeiramente chama-o de cachorro e, ao fim da passagem, na qualidade de narrador que efetua uma reflexão, compara-o a um cágado. Dessa forma, fica claro que Paulo Honório animaliza o seu funcionário. Em outras palavras, aos olhos do dominador, o dominado deixa de ser humano.

Dentro desta lógica que caracteriza o coronel de ver os que o cercam sob uma ótica zoomorfizadora, Marciano carece de traços humanos. Conseqüentemente, ele não possui direitos, pois é considerado um bicho. Tal ideia vai ao encontro do que

Candido denomina, quando escreve sobre *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, como “animalidade social”, conceito que pode muito bem ser aplicado a este romance de Graciliano, haja vista que seu narrador se mostra totalmente contaminado por ideias científicas bastante comuns entre os escritores naturalistas. Em “A passagem dos dois ao três: contribuição para o estudo das mediações na análise literária”, Candido salienta que a “animalidade social”:

[...] exprim[e] a alienação do trabalhador que, ao vender sua força de trabalho, vê reduzida uma parcela de sua humanidade, enquanto aumenta sua parcela de animalidade, na medida em que é nivelado a uma máquina muscular. (1974, p. 792)

Tal ideia retoma exatamente aquilo que já foi apontado anteriormente, isto é, o fazendeiro enxerga os trabalhadores que o cercam apenas pelo que podem lhe oferecer em termos de produtividade. Nesse caso, a única coisa que Marciano tem a ofertar é a sua própria força de trabalho, explorada até o limite por Paulo Honório, visto que o fazendeiro obriga Marciano e os outros empregados a trabalharem quase sem nenhum direito e no ritmo de uma produtividade que beira a insanidade. Não bastasse a evidente exploração a que se sujeitam Marciano e os outros trabalhadores, o coronel os trata de forma tirana, como a reavivar os quadros da escravidão.

Com este tipo de tratamento aviltante, tanto Marciano quanto os demais são totalmente desconsiderados. Conseqüentemente, perdem a individualidade, permitindo, por conseguinte, que sejam compreendidos na ótica de Paulo Honório como sujeitos descartáveis quando não tiverem mais serventia. Este modo de o fazendeiro proceder revela uma perversidade que aproxima o coronel menos de um patrão e muito mais de um senhor de escravos. Fica claro, portanto, na relação entre o proprietário e os empregados, a inegável semelhança entre o regime de trabalho quase servil que vigorava nas terras de São Bernardo e as práticas escravocratas.

No estabelecimento de uma relação de subordinação entre patrão e empregados, as constantes opressões sofridas por Marciano vão ao encontro do que Souza (2017, p. 97) ressalta ao tratar sobre o pobre e oprimido: “Se possível, deve-se humilhá-lo, enganá-lo, desumanizá-lo, maltratá-lo e matá-lo cotidianamente. Era isso que se fazia com o escravo e é exatamente a mesma coisa que se faz com a ralé de novos escravos hoje em dia.” A enumeração de Souza encaixa-se nas práticas efetuadas por Paulo Honório na relação hierárquica e perversa que estabelece com Marciano. Como se observa ao longo da narrativa, tal tratamento dado ao empregado

pelo fazendeiro provém de hábitos ancestrais, perpetuados como hábitos corriqueiros na sociedade brasileira, sobretudo porque a escravidão arraigou-se fortemente no espírito daqueles que exercem o poder.

De acordo com a lógica exposta acima, ao oprimir e humilhar Marciano, Paulo Honório, de certa forma, restabelece a ordem escravocrata e, conseqüentemente, reafirma sua posição de patriarca, do velho e cruel senhor de escravos que, em tempos de modernização, de industrialização, põe no rosto uma frágil máscara de patrão. Em outras palavras, para que o fazendeiro seja considerado o dominador e fique com um pé no passado e outro no presente, é preciso que outras pessoas sejam subjugadas e sejam não exatamente empregados dentro da lógica capitalista, mas sim máquinas de carne, animais dóceis, réplicas de escravos.

Além disso, nessa perspectiva capitalista, é necessário manter os menos favorecidos na condição de oprimidos. Assim, essas pessoas não se revoltam contra os abusos que sofrem. É exatamente esta a postura adotada por Paulo Honório. Contudo, além dessa violência velada, o coronel se assemelha ainda mais aos donos de escravos de outrora ao usar da violência física para dominar aqueles a sua volta:

– Acabei o serviço, seu Paulo, gaguejou Marciano perfilando-se.

[...]

– Mentiroso. Os animais estão morrendo de fome, roendo a madeira.

Marciano teve um rompante:

– Ainda agorinha os cochos estavam cheios. Nunca vi gado comer tanto. E ninguém aguenta mais viver nesta terra. Não se descansa.

Era verdade, mas nenhum morador me havia ainda falado de semelhante modo.

– Você está se fazendo de besta, seu corno?

Mandei-lhe o braço ao pé do ouvido e derrubei-o. Levantou-se zozzo, bambeando, recebeu mais uns cinco trompaços e levou outras tantas quedas.

A última deixou-o esperneando na poeira. Enfim ergueu-se e saiu de cabeça baixa, trocando os passos e limpando com a manga o nariz, que escorria sangue. (RAMOS, 2017, p. 126-127)

Na citação acima, Paulo Honório utiliza a violência física para demonstrar que ele, o patriarca, pode tudo diante daqueles que são considerados suas posses. Fica claro que o fazendeiro trata Marciano como um animal incapaz de se defender. O empregado – espezinhado, animalizado – nada faz diante da agressão que sofre.

Nesse sentido, os comentários de Therezinha Mucci Xavier sobre a leitura que Machado de Assis fazia da escravidão em seus romances e a lógica do favor que envolvia a instituição do cativo parecem fazer sentido na obra de Graciliano. Ao apontar que os cativos do século XIX, à beira da Abolição, se encontravam “[...]”

acorrentados [...] nas causas naturais de servidão – a fraqueza, a covardia, o medo, a devoção ao senhor ou a simples incapacidade de tomar uma decisão autônoma.” (XAVIER, 1993, p. 104-105), é possível interpretar o modo como Marciano procede suprimindo uma ou outra expressão comum nos tempos da escravidão que há na citação acima. Visto sob este ângulo, Marciano se situa na mesma posição de Rosa, também incapaz de reagir diante daquele que supostamente detém a razão e a justiça. Isso sucede porque, na sociedade ainda com marcas patriarcais em que o romance se passa, tais práticas são comuns e, desta maneira, ambos os empregados, movidos muito provavelmente pelo medo ou pela necessidade, acabam permanecendo escravizados à condição com a qual se deparam e da qual não conseguem fugir.

Ainda nesta perspectiva interpretativa, Paulo Honório justifica a si e ao leitor que a condição submissa em que seus funcionários se encontram se deve ao fato de eles terem nascido para serem explorados. Desse modo, o fazendeiro ignora o real motivo dessas pessoas se acharem em tal situação, ou seja, ele se isenta de qualquer responsabilidade pelas injustiças e abusos que tanto marcam a trajetória desses trabalhadores:

[...] Essa gente faz o que se manda, mas não vai sem pancada. E Marciano não é propriamente um homem.
 – Por quê?
 – Eu sei lá! Foi vontade de Deus. É um molambo.
 – Claro. Você vive a humilhá-lo.
 – Protesto! exclamei alterando-me. Quando o conheci, já era molambo.
 – Provavelmente porque sempre foi tratado a pontapés.
 – Qual nada! É molambo porque nasceu molambo. (RAMOS, 2017, p. 128-129)

No diálogo acima entre o fazendeiro e Madalena, mais uma vez Paulo Honório deixa explícito que, de acordo com sua visão de mundo, Marciano não é um ser humano, reduzindo-o à coisa. Isto é, ao denominar Marciano como molambo, o fazendeiro volta a demonstrar que pode caracterizar outra pessoa do modo que melhor lhe convém. Afinal de contas, naquele meio em que a hierarquia não deixa dúvidas sobre quem manda e quem obedece, o ponto de vista do patriarca é incontestável. Além disso, ao exprimir sua visão sobre a posição social em que seu funcionário se encontra, o coronel justifica a pobreza e a violência sofrida por Marciano como se fossem decorrência de ordem divina. Dessa forma, o coronel novamente se isenta de seu papel diante de tais desigualdades e põe em curso de que haveria uma presumida vontade de um ente superior em separar seres superiores e inferiores.

Nesse sentido, Paulo não reconhece que seu empregado só está em tal situação pois existe uma lei que não está no papel, mas que rege a sociedade patriarcal na qual o romance se passa. Tal lei diz respeito àquela imposta pelo mais forte, na qual quem está no poder estabelece as normas e regras para que sua vontade seja feita. Logo, quem está na posição contrária deve obedecer a essas imposições. Sendo assim, este cenário impiedoso condiciona Marciano ao estado de oprimido. Em outras palavras, nas terras de Paulo Honório não existem outras alternativas para que os menos favorecidos possam sobreviver. Restam-lhes as constantes humilhações e violações de direitos básicos. Se for estabelecida uma ponte com a realidade, é impossível não perceber uma enorme semelhança entre a relação prepotente de Paulo Honório e Marciano com as relações de trabalho existentes no mundo real. Ou seja, o romance de Graciliano Ramos estabelece uma homologia entre a realidade da época e o texto ficcional, reiterando observações de Reis:

[...] as relações entre os personagens reproduzem (de uma forma enviesada, assimétrica) relações sociais. Fica sugerido, pela análise dos textos literários por mim encetada, que o processo social brasileiro se dá, e morosamente, na base um tanto ou quanto superficiais, ao passo que, nos alicerces mais fundos, as estruturas permanecem intactas e inalteradas em suas configurações mais essenciais. (1987, p.120)

Fica confirmada, portanto, que a relação oscilante entre Paulo Honório e Marciano, assinalada pela equação servidão e trabalho livre se confundem, estabelece verossimilhança com a realidade brasileira ainda alicerçada em inúmeras práticas escravocratas e patriarcais que ainda eram comuns no meio rural das primeiras décadas do século XX. Além disso, há um aspecto assustador: apesar de várias mudanças terem sido implantadas no meio social, as relações de poder entre dominante e dominado permanecem intactas, isto é, continuam a existir Paulos Honórios e Marcianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto ao longo deste trabalho, é possível afirmar que as obras de Graciliano Ramos possuem uma enorme relação com a vida pessoal do escritor alagoano. Afinal de contas, é perceptível nas entrelinhas dos textos ficcionais graciliânicos um pouco do que ele mesmo vivenciou ao longo dos seus 60 anos de vida. Assim sendo, ao ler as narrativas do literato brasileiro, encontram-se relatos de sua meninice, sobretudo em *Infância* (1945), enquanto a fase adulta pode ser observada por meio das personagens e do espaço utilizado para ambientar *Caetés* (1933), primeiro romance publicado pelo autor nordestino. Além disso, uma parte importante da existência de Graciliano, a qual corresponde ao período em que o escritor esteve preso, é exposta em *Memórias do cárcere* (1953), livro no qual os abusos por parte dos mais poderosos são escancarados.

Deste modo, é notório a presença da verossimilhança nas narrativas do autor nordestino, a qual evidencia, além de memórias pessoais, uma parte importante do processo social que o Brasil experimentou na década de 1930, no qual o país se deparava com a crescente industrialização, mas ao mesmo tempo ainda se amparava em práticas e ideias da velha oligarquia escravocrata. Assim sendo, as personagens graciliânicas podem ser consideradas representações de sujeitos ou grupos de pessoas que vivenciaram as mesmas adversidades encontradas nas narrativas do literato brasileiro. Isto posto, é patente que as obras de Graciliano exprimem com precisão os problemas sociais e as relações de poder que podiam ser vislumbradas na sociedade da época em que o romancista viveu, mas também que se perpetuam até hoje no meio social brasileiro.

Desse modo, *S. Bernardo*, romance escolhido para ser o foco de análise do presente trabalho, expõe muito bem tais relações e práticas abusivas, pois o protagonista do romance lida com as pessoas ao seu redor como se esses sujeitos fossem suas posses. Assim sendo, Paulo Honório, o herói graciliânico desta narrativa, recoloca em cena costumes patriarcais, formas escravocratas de tratar seus funcionários, evidencia a violência praticada com aqueles que não possuem os mesmos privilégios, mas, para além disso, também retrata o homem que vive em constante conflito com os demais e consigo mesmo.

Diante disso, as relações de poder descritas em *S. Bernardo* demonstram a insensibilidade de Paulo Honório no que diz respeito à maneira como procede com

Rosa e Marciano. Fica evidente que o coronel encara seus empregados como se os dois fossem subordinados à sua vontade. Segundo essa lógica, ao analisar Rosa e Marciano, fica patente que ambos são vítimas das atrocidades cometidas pelo dono das terras de São Bernardo, ou seja, há a conseqüente reedição das práticas de moldes escravocratas empregadas pelo coronel contra o casal de empregados.

Em conformidade com a discussão empreendida aqui, Rosa, a empregada e amante de Paulo Honório, é descrita no decorrer do romance sob a ótica machista do protagonista, que a retrata a partir de uma visão dominadora cuja finalidade é oprimi-la. Constata-se, pois, que a personagem não possui voz dentro da narrativa, o que corrobora a ideia de Reis (1987) sobre os menos favorecidos permanecerem marginalizados e silenciados. Ainda nessa perspectiva, o dono de São Bernardo constantemente utiliza adjetivos pejorativos ao se referir a sua funcionária e amante, demonstrando claramente o seu desprezo com aqueles que ele considera inferiores. Desta forma, é possível observar uma enorme semelhança entre Rosa, a personagem de Graciliano Ramos, e uma escrava, pois a mulher de Marciano se depara com condições servis, escravizada tanto aos afazeres de seu cotidiano na fazenda quanto escravizada às vontades e desejos de Paulo Honório, figura oscilante entre senhor e patrão.

Em situação semelhante de ultraje, vive Marciano, o companheiro de Rosa. Embora a violência que o vitimize seja diferente daquela que ocorre com Rosa, o personagem também se encontra oprimido pelo patrão e pelas circunstâncias que lhe são impostas. Para que ocorra a submissão de Marciano por Paulo Honório, o empregado é tratado como um animal, ou seja, o coronel desconsidera a humanidade de Marciano, humilhando-o e agredindo-o com o intuito de convencê-lo de que é um bicho – prática corrente nos tempos da escravidão. Além disso, o coronel – ao se observar sua faceta de capitalista – percebe Marciano somente como uma máquina utilizada para o trabalho, sem possuir nenhum direito e destinado a sobreviver em condições similares a de um escravo.

Conforme os comentários acima, nota-se que, por meio da análise do conflito vivido entre Paulo Honório, Rosa e Marciano, Graciliano buscou tecer uma crítica ao atraso social, econômico e cultural de parte de uma parcela da sociedade brasileira da época retratada no romance mesmo que fosse um momento em que importantes transformações ocorriam na sociedade brasileira.

Portanto, é possível concluir que as relações sociais estabelecidas entre patrão/empregado – opressor/oprimido – no decorrer do romance de Graciliano Ramos – se baseiam em modelos escravocratas. Nesta reedição de tais valores ultrapassados, quem está na posição de poder – Paulo Honório – rege tudo e todos a sua volta, enquanto Rosa e Marciano, sujeitos pobres e resignados à exploração do trabalho, são compelidos à vontade do fazendeiro.

Como a corroborar o que Reis postula no seu ensaio, *S. Bernardo* estabelece uma evidente verossimilhança entre a sociedade patriarcal que a narrativa põe em cena e o texto ficcional. Dito com outras palavras, Graciliano emprega neste romance – ao mostrar a relação conturbada que Paulo Honório tem com Rosa e Marciano – uma crítica à maneira como são estabelecidos os vínculos entre dominador e dominado. Além disso, o romance demonstra que as aparentes transformações na sociedade brasileira anunciadas no desfecho da narrativa (Revolução de 30) eram apenas ilusórias, já que os abusos e violações aos direitos dos menos favorecidos continuaram a existir.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. A passagem do dois ao três: contribuição para o estudo das mediações na análise literária. *Revista de História*, USP, São Paulo-SP, v. 50, n. 100, 1974, p. 787-800. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/132672>. Acesso em: 11 ago. 2021.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- COELHO, Nelly Novaes. Solidão e luta em Graciliano. In: BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 60-73.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 73-123.
- FACIOLI, Valentim Aparecido. Um homem bruto da terra. In: GARBUGLIO, José Carlos; BOSI, Alfredo; FACIOLI, Valentim Aparecido (org.). *Graciliano Ramos: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1987, p. 23-107. (Coleção Escritores Brasileiros)
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 50. ed. rev. São Paulo: Global, 2005.
- GARBUGLIO, José Carlos. Graciliano Ramos: a tradição do isolamento. In: GARBUGLIO, José Carlos; BOSI, Alfredo; FACIOLI, Valentim Aparecido (org.). *Graciliano: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1987, p. 366-386. (Coleção Escritores Brasileiros)
- LAFETÁ, João Luiz. O mundo à revelia. In: RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*. 24. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record; Martins, 1975, p. 173-197.
- LIMA, Marcos Hidemi de. *Os desvãos da ordem patriarcal*. Londrina: Eduel, 2017.
- LINS, Álvaro. Valores e misérias das vidas secas. In: GARBUGLIO, José Carlos; BOSI, Alfredo; FACIOLI, Valentim Aparecido (org.). *Graciliano Ramos: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1987, p. 261-269. (Coleção Escritores Brasileiros)
- MARTINS, Wilson. Graciliano Ramos, o Cristo e o Grande Inquisidor. In: BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 25-34.
- PÓLVORA, Hélio. Retorno a Graciliano. In: BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 123-134.

PONTES, Joel. Romances de Graciliano Ramos: a reivindicação social no diálogo. *In: BRAYNER, Sônia (org.). Graciliano Ramos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 269-277.

RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*. 99. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 9. ed. São Paulo: Martins Editora, 1964.

RAMOS, Ricardo. Lembrança de Graciliano. *In: GARBUGLIO, José Carlos; BOSI, Alfredo; FACIOLI, Valentim Aparecido (org.). Graciliano Ramos: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1987, p. 11-23. (Coleção Escritores Brasileiros)

REIS, Roberto. *A permanência do círculo: hierarquia no romance brasileiro*. Niterói, EDUFF; Brasília: INL, 1987.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

SILVA, Laura Ferreira da; OLIVEIRA, Luizir de. O papel da violência simbólica na sociedade por Pierre Bourdieu. *Revista FSA, Teresina*, v.14, n. 9, p. 160-174, mai./jun. 2017. Disponível em: <http://www4.fsnet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1342/1249>. Acesso em: 16 abr. 2019.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

XAVIER, Therezinha Mucci. *Verso e reverso no romance de Machado de Assis*. Viçosa: UFV, 1994.